

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DINÂMICA DOS GRUPOS

CERES MARIA GUIMARÃES
ROBERTO COHEN
VERA LÚCIA VILLANOVA

Um olhar grupal de Bion
sobre uma comunidade virtual

Trabalho apresentado à monografia de
conclusão do programa de formação Básica
de Coordenador de Dinâmica dos Grupos,
Sociedade Brasileira de Dinâmica dos
Grupos, Núcleo RS.

Orientadoras: Neidí Schneider e Vanessa
Stechow

Porto Alegre
2007

DEDICATÓRIA

Aos meus amores Cabello,
Cristina, Felipe e Giovana com quem
aprendo todos os dias a conviver em grupo.

Dedico esse trabalho à Jaquelinda.
Pela paciência de me ouvir horas a fio
sobre os *feedbacks* recebidos.

O primeiro grupo é a família.
A minha pequena grande família.
Ao Jone e ao Rafael
que sempre me estimulam a crescer.

EPÍGRAFE

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

(Fernando Pessoa)

Se você está numa situação e a percebe,
se não tiver nem memória nem desejo,
se estiver ali apto,
de repente você irá ouvir alguma coisa,
e aquilo poderá ser trabalhado por você
e depois ser expresso aos outros.

Wilfred R. Bion
(Conferências Brasileiras)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos...

Às coordenadoras pelo
empenho em fazer-nos crescer.

Aos nossos divinos
colegas de grupo.

A Deus,
por esta força que tudo move.

RESUMO

Este trabalho experimenta o olhar da teoria de Wilfred Bion sobre uma comunidade. Foi elaborado com base em mensagens trocadas por interessados na motocicleta Honda Shadow 600 que conversam diariamente através da lista de discussão do provedor Yahoo. O método utilizado é a análise qualitativa de dados secundários. Próximo de 5.800 mensagens foram selecionadas para verificação e debate. Aquelas onde uma relação interpessoal evidenciada pela participação e volume de trocas que deram continuidade ao assunto inicial foram destacadas para análise detalhada e correlação com os pressupostos bionianos. Nesta análise, constata-se que o suposto básico de luta-e-fuga evidencia-se de maneira mais constante, assim como o de acasalamento.

É perceptível que, apesar do objetivo da comunidade ser a discussão sobre a motocicleta Shadow, variados temas brotam em discussões, por vezes, acaloradas. Este grupo, como qualquer outro, possui uma cultura grupal própria e um conjunto de normas e rituais que são apresentados no decorrer deste texto.

Este trabalho contempla a descrição do perfil do grupo, seus participantes, aporte teórico dos questionamentos, os resultados obtidos e conclusões sobre os mesmos.

PALAVRAS-CHAVE

Virtual, real e atual, Comunidade virtual, grupo virtual, relação interpessoal, pressupostos de Bion: luta-e-fuga, dependência, acasalamento.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Acesso à internet em 2005	5
GRÁFICO 2 – Volume mensal de troca de mensagens no ano de 2006....	23
GRÁFICO 3 – Volume mensal de troca de mensagens no ano de 2007....	23
GRÁFICO 4 - Comparativo ano e mês do volume mensal (...).	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
1.1 A gênese do grupo virtual.....	3
1.3 Ciberespaço e cibercultura	6
1.4 Real versus Virtual versus Atual.....	9
1.5 Comunidade presencial e comunidade virtual.....	11
1.6 Comunidade “Lista dos aficcionados pela moto Honda VT 600 C Shadow”	18
1.6.1 Histórico	18
1.6.2 Sobre o mecanismo lista de discussão	19
1.6.3 Perfil dos debatedores.....	19
1.7 Objetivos	21
2 MÉTODO	22
2.1 Descrição do delineamento	22
2.2 Amostra	22
2.3 Volume anual de mensagens trocadas	22
2.4 Descrição do instrumento.....	25
2.5 Procedimentos para a coleta de dados	25
3 APORTE TEÓRICO	26
3.1 Topologia.....	26
3.2 Bion-grafia	27
3.3 Contexto do trabalho realizado por Bion em grupos	28
4 PERFIL DA COMUNIDADE	33
4.1 Do subgrupo em análise.....	33
4.2 Cultura e mentalidade do grupo Lista Shadow600.....	33
4.2.1 Convenção de identificação dos membros.....	34
4.2.2 Do batismo no grupo	34
4.2.3 Estereótipos valorizados	37
4.2.4 Desvalorização de motos de baixas cilindradas.....	40
4.2.5 “Novidades” antigas na lista	41
4.2.6 Ameaças de filtrar as mensagens	43
4.2.7 Piadas sobre gaúchos.....	45
4.2.8 Correção ortográfica.....	47
4.2.9 Da relação de pertencimento	49

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	52
5.1 Nossas hipóteses	52
5.2 Pressuposto de dependência.....	53
5.2.1 Debate “Camboriu”	54
5.2.2 Confeção de camisetas	55
5.4 Pressuposto de luta-e-fuga	58
5.4.1 Debate “Pen Drive 4 GB – Facção Sul”.....	58
5.4.2. Debate “Herbalife”	62
5.5 Pressuposto de acasalamento	65
5.5.1 Debate “Moderador”	65
5.5.2 Debate “Yahosta”	66
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS.....	70
APÊNDICE A - IMAGEM DA TELA INICIAL DA LISTA	72

1 INTRODUÇÃO

1.1 A gênese do grupo virtual

Em setembro de 1958 o Departamento de Defesa dos Estados Unidos estruturou a ARPA – Advanced Research Projects Agency com o objetivo de mobilizar a pesquisa universitária garantindo a superioridade americana em relação à União Soviética. Uma das agências ligada a esse programa, a ARPANET, desenvolveu um sistema que permitia a união dos computadores das bases militares e dos centros de pesquisa. Na década de 70 iniciou-se a expansão do sistema, ao possibilitar a conexão da Universidade da Califórnia, LA e Santa Bárbara; do Instituto de Pesquisa de Stanford e da Universidade de Utah. Dessa parceria nasceu o TCP/IP (*Transmission Control Protocol / Internet Protocol*), grupo de protocolos que é a base da Internet. Nesse período surge uma das primeiras comunidades virtuais, a SF-Lovers, cujos participantes, todos amantes da ficção científica, trocavam correspondências sobre esse tema. Em 1979, quatro estudantes projetaram um sistema, a USENET - Unix User Network, que permitia a comunicação entre computadores e conseqüente formação de uma rede, fora do sistema da Arpanet. Esse sistema foi aperfeiçoado e distribuído gratuitamente em 1970, sendo um dos grandes responsáveis pela expansão da Internet. O público estudantil passou a usar a *Usenet News* como rede livre, onde ocorria intensa e livre comunicação, como mais uma expressão da contra cultura, movimento dessa época. O sistema operacional permitiu o surgimento dos primeiros grupos de discussão conhecidos por “*newsgroup*” que, ao contrário do que possa parecer, não

são grupos para divulgação de notícias, mas de discussão de temas de interesse, a partir da seqüência de mensagens enviadas. Os primeiros grupos virtuais brasileiros também usaram o sistema usenet. Em 1991 Tim Berners-Lee, trabalhando no CERN (Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire) criou um sistema que permitia o acesso rápido e eficiente às informações por documentos em hipermídia (vídeos, hipertextos, sons, figuras) usando um programa de computador (navegador) que reúne as informações (documentos ou páginas) de servidores web (sítios, sites). Esse sistema constitui-se a “World Wide Web” – Rede de Alcance Mundial (WEB ou WWW). Em 1993 a Internet deixa de ter uso acadêmico e abre-se para o gerenciamento comercial, tornando-se disponível para a sociedade em geral.

Em 2005, 10 anos depois da expansão da rede no Brasil, o IBGE, através da “*Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*” - PNAD levantou dados sobre o uso da internet no Brasil. Constatou que 21% da população de 10 anos ou mais de idade acessaram, pelo menos uma vez a Internet nos últimos três meses. É possível estimar em 32,1 milhões (PNAD 2005) a população ativa da internet do Brasil. Os usuários brasileiros são jovens, estudantes, com idade entre 28,1 anos; quanto ao nível de instrução e faixa econômica, a medida que esses dois crescem, também cresce o número de participantes na rede. Dessa população, 71,1 % acessaram a rede para finalidades de educação e aprendizado e 68,6% para comunicação com outras pessoas (68,8% para os homens e 68,5% para as mulheres) gerando um público de 22 milhões de pessoas.

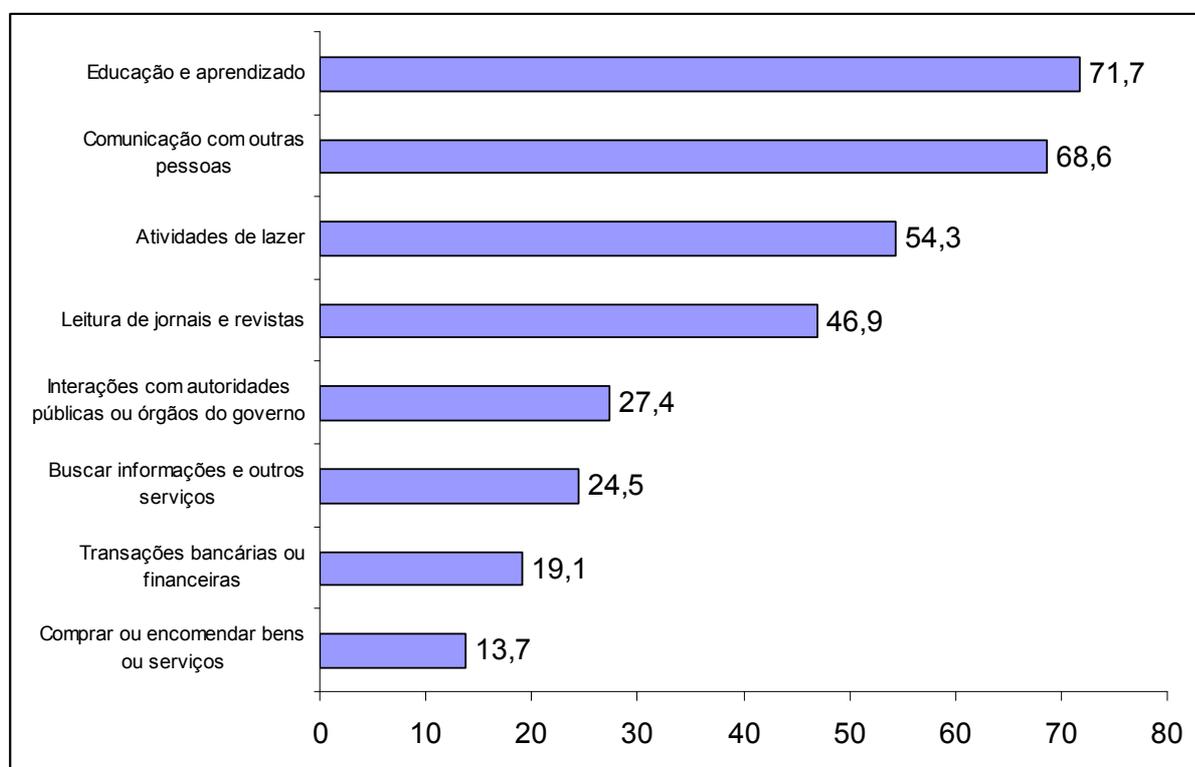


Gráfico 1 – Acesso à internet em 2005

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2007, p. 48)

Analisando-se a distribuição, por regiões no gráfico acima, a região sul possui o maior número de acessos para comunicação - 71,7%, seguida pela região sudeste – 70,1%. Já entre os não-estudantes, 67,8% acessam a rede preferencialmente para fins de comunicação com outras pessoas. Entre os ocupados (pessoas que possuem alguma forma de trabalho) também o maior motivo de acesso – 69,4% – é para comunicação, seguido de educação e aprendizado – 65,1%. Nos não ocupados, esses indicadores sofrem inversão: 82,5% acessam a Internet para educação e aprendizado enquanto que 67,4% o fazem para comunicar-se com outra pessoa.

A Internet não tem proprietários. Cada usuário e seu computador são co-responsáveis num tráfego de informações. Hoje, o computador conectado à rede é o

meio mais fácil de comunicação. A ausência de barreiras constitui-se uma das principais características da internet e daí vem seu grande poder de comunicação. Na Internet a linha de comunicação que se estabelece multiplica de forma infinita a alternância emissor/receptor. É uma forma de comunicação sem fronteiras pois não há mais limite de espaço físico ou temporal para a propagação da mensagem. Ela reflete as mesmas interconexões que existem na sociedade atual, globalizante. A cultura da sociedade e os próprios laços sociais são mantidos e reforçados pela rede e, num conceito cibernético, a própria rede realimenta essa mesma sociedade, propagando seus valores, desejos, medos e também seus contra-valores.

A internet traz para a sociedade moderna a diversidade de jogos de linguagem, onde cada grupo possui o seu código, distinto dos demais, caracterizando, mantendo e reforçando os laços que os unem nesses grupos. A Internet alia as novas tecnologias com as necessidades humanas, determinando outras formas de expressar a sociabilidade, criando novas maneiras de comunicação, como o *e-mail*, *chat*, *blog*, fóruns de discussão, sites, portais, *e-commerce*, boletins eletrônicos (*newsgroups* ou grupos de notícias), mensagens instantâneas (ICQ, YIM, ICQ, YIM, *Jabber*, *MSN Messenger*), comunidades virtuais. É o caso dos grupos virtuais, onde a partir de um ponto de interesse os indivíduos inter-relacionam-se.

1.3 Ciberespaço e cibercultura

Em 1948, o matemático Norbert Wiener publicou "*Cybernetics: or the Control and Communication in the Animal and the Machine*", livro que apresenta a base da cibernética, expressão cunhada pelo próprio autor, para designar "[...] um campo

mais vasto que inclui não apenas o estudo da linguagem mas também o estudo das mensagens como meios de dirigir a maquinaria e a sociedade, o desenvolvimento de máquinas computadoras e outros autômatos [...], certas reflexões acerca da psicologia e do sistema nervoso, e uma nova teoria conjectural do método científico.”

(Wiener, 1984, p. 15)

A evolução da cibernética leva aos estudos da Inteligência artificial, da robótica, da informática. E influencia também as Ciências Sociais. Em 1984, William Gibson (1984, p.51) projeta no seu livro “*Neuromancer*” a conjunção entre o cibernético e o espaço, surgindo o termo ciberespaço que propagará uma nova cultura pelo planeta: a cibercultura.

Ciberespaço. Uma alucinação consensual vivida diariamente por bilhões [...] Uma representação gráfica dos dados abstraídos dos bancos de dados de cada computador no sistema humano. Complexidade inimaginável. Linhas de luz enfileiradas no não-espaço da mente, agregados e constelações de dados. Como luzes da cidade, retrocedendo... William Gibson (1984, p. 51, tradução livre).

Para Levy (1999) o ciberespaço (ou rede) “é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores”. Envolve a estrutura material da comunicação virtual, o “universo oceânico” de informações, os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. O ciberespaço é interativo e comunitário.

O ciberespaço designa, na sua origem, o espaço criado pelas comunicações mediadas por computador (CMC). Portanto o mesmo constitui-se de uma grande rede interconectada, formada por telefones, cabos de fibras ópticas, satélites, rádio, televisão. Quando fala-se ao telefone celular, onde é que essa relação ocorre? No ciberespaço. Numa antevisão, Wiener (1970, p.16) anunciava que “... a sociedade só pode ser compreendida através de um estudo das mensagens e das facilidades

de comunicação de que disponha; (...) no futuro (o) desenvolvimento dessas mensagens e facilidades de comunicação, as mensagens entre o homem e as máquinas, entre as máquinas e o homem, e entre a máquina e a máquina estão destinadas a desempenhar papel cada vez mais importante".

E... quanto mais humanizamos e tornamos "amigável" a nossa relação com o ciberespaço, por meio de simulações que imitam a nossa realidade não-virtual, mais nos tornamos cibernéticos. A contrapartida da naturalização do ciberespaço é que nos tornamos, também, extensão dele: à medida que a virtualidade se transforma em campo de ação prática, cada vez mais a realização total do ser humano prescinde de sua inserção como coisa virtual do ciberespaço". (KIM, 2004)

Assim, o ciberespaço é um lugar onde as pessoas se relacionam e vivem. É uma rede, uma "*matrix*" atemporal, transglobal, multicultural, cibercultural, concretizando a aldeia global. As interações humanas constituem-se de "comunicações entre membros co-dependentes cuja interação habitual é caracterizada por circularidades, oscilações, limites dinâmicos e *feedback*". As relações sociais não são estáticas; se transformam.

Podemos comparar o ciberespaço com a época das grandes navegações. Enfrentar os mares abriu para a humanidade um novo mundo. Há uma nova ordem: o ciberespaço passa fazer parte da nossa realidade e vamos constituir para essa nova dimensão, uma nova cultura, a cibercultura.

Conforme Levy (1999), três princípios orientam o crescimento do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A cibercultura especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. O valor contido na cibercultura é a universalidade. Há uma tendência a integração mundial, a multiplicidade de

informações; a digitalização permite um mesmo código de comunicação. O crescente uso da internet confirma essa universalização. A cibercultura abrange os fenômenos do ciberespaço, as ocorrências resultantes das novas formas e traz consigo a sinergia entre a tecnologia e a sociedade. O universal multiplica a singularidade, impossibilita a totalidade, pois sempre há mais o que conectar, o que informar, rotas a escolher, menos forma de domínio e de controle. Esse universal dá acesso à inteligência coletiva enquanto ato da espécie humana.

Estudos são necessários dessa aculturação cibernética para a realidade brasileira: somos um país subdesenvolvido onde se verifica que a apropriação da cibercultura está diretamente relacionada ao crescente de escolarização e rendimentos financeiros. Ou seja, na nossa realidade brasileira, a cibercultura também é forma de exclusão social. Como os usuários dão preferência ao uso da rede para aprendizado e comunicação interpessoal, mantendo-se as condições atuais, podemos visionar uma distância cada vez maior entre as classes e, mais uma forma de analfabetização - o analfabeto digital. Quando grupos virtuais podem ser meios de mobilização social, idéia defendida por Rheingold (2005), a análise dessas relações nesse novo espaço poderá, através de uma visão otimista, colaborar ao propor meios de maior participação e auxiliando uma igualdade social.

1.4 Real versus Virtual versus Atual

O dicionário Houaiss explica:

Virtual - existente apenas em potência ou como faculdade, não como realidade ou com efeito real

Real – relativo ao que realmente existe; fato real; verdade

Atual - que vigora, se obtém, ou se realiza na época presente

Na cultura vigente, os significados das palavras real e virtual se opõem. Virtual remete ao não real, ao não tocável, ao conceitual, ao que está sendo simulado.

O termo realidade virtual se popularizou a partir de 1989, cunhado por Jaron Lanier. Segundo ele próprio: “Eu originalmente me aproximei do termo como uma reação ou uma resposta a um termo que já estava por aí. Tinha um cara chamado Ivan Sutherland — ele é o pai da computação gráfica — e ele usava o termo ‘mundos virtuais’, o qual na verdade remete a uma filósofa das artes chamada Suzanne Langer. Ela falava sobre mundos virtuais nos anos 1950, antes que houvesse tecnologia para imaginá-los; ela estava usando o termo como uma metáfora”. (ROCHA, 2007)

Uma obra de ficção representa uma realidade virtual, pois não existe no plano real, só existe no imaginado, no potencial.

Mas qual a etimologia do vocábulo virtual? Virtual tem sua raiz latina em *virtus*, que significa força, potência. Podemos conectar essa raiz latina ao exemplo que Levy traz para explicar o virtual: à semente que traz, virtualmente consigo a árvore. Assim, conforme o mesmo Levy (1999, p. 47): “o virtual não se opõe ao real mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade.” Ainda Levy (1999, p. 47):

O virtual traz consigo a desconexão com a territorialidade. É virtual toda entidade desterritorializada, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular.

Taussig (1993, citado por KIM, 2004)

O que chamamos de realidade virtual é a camada de interação sensível entre o homem e o ciberespaço. A realidade virtual opera em dois sentidos, um que cria mundos sensoriais da informação digital e outro que trabalha ocultando a estrutura essencial e material do ciberespaço.

O crime virtual existe, pois o dano é real, a compra virtual existe, pois a mercadoria é (pelo menos deveria ser) entregue a um comprador. O dinheiro é

virtual. O pagamento de contas é feito pela leitura de um código de barras- virtualmente a conta é paga. Onde estão as pessoas que trabalhavam nas caixas dos bancos? Esse mundo “virtual” está mais do que nunca, real, presente no nosso dia-a-dia.

Portanto o termo virtual se reveste de um significado estreitamente ligado a uma representação do mundo pela informática. Passa a ser usado como um sinônimo do que é feito através da internet.

Nessa relação com o virtual nos tornamos cada vez mais cibernéticos, conectando-nos com o virtual, o real e o atual. Estamos num ponto de virada, onde novas formas de interação, de conversação, de aprendizagem, de difusão do saber que levam a uma intensa construção coletiva, estão acontecendo.

Como conectar grupos ao conceito de virtual?

1.5 Comunidade presencial e comunidade virtual

Gregário por natureza, o homem somente sobrevive por suas relações grupais, sendo a família o primeiro grupo em que participa e fundamental para seu desenvolvimento. Em seus primórdios, para sobreviver e conseguir reproduzir-se, trabalhava em grupos, que mais tarde, evoluíram para as primeiras comunidades.

Para Tönies (MIRANDA, 1995), comunidade representava o passado, a aldeia, a família, o calor. Tinha motivação afetiva, era orgânica, lidava com relações locais e com interação. As normas e o controle davam-se através da união, do hábito, do costume e da religião. Seu círculo abrangia família, aldeia e cidade. Para Tönies (MIRANDA, 1995), a comunidade seria o estado ideal dos grupos humanos.

Palacios (1996) enumera os elementos que caracterizariam a comunidade: "o sentimento de pertencimento, a territorialidade, a permanência, a ligação entre o sentimento de comunidade, caráter corporativo e emergência de um projeto comum, e a existência de formas próprias de comunicação". O pertencimento é o sentimento de que o indivíduo é parte do todo, coopera para uma finalidade comum com os demais membros, a territorialidade é o local da comunidade e a permanência é a condição essencial para o estabelecimento das relações sociais.

O conceito de comunidade tem evoluído com o tempo. Idéias de pertencimento, de localização numa mesma área geográfica, ou de uma estrutura social formada, já revelaram o seu significado. Hoje esse conceito já abrange outro significado, o de comunidades virtuais.

Conforme Hamman (1997) uma comunidade é formada por um grupo de pessoas que compartilham interação social e alguns laços comuns entre elas mesmas e os outros membros do grupo e que utilizam uma mesma área por algum tempo.

Já Erikson (1997) diz:

Os membros duma comunidade serão nela aceitos mediante conformidade a critérios bem definidos, desenvolverão relacionamentos pessoais nos domínios da comunidade, estarão comprometidos a ajudarem-se mutuamente e, compartilharão valores, práticas e bens.

Já nos tempos da Arpanet, com a concordância do Departamento de Defesa, surge uma das primeiras comunidades, a SF-Lovers, cujos participantes, todos amantes da ficção científica, trocavam correspondências sobre esse tema. Os usuários da rede Usenet News (rede de mensagens da Internet que usa a Network News Transfer Protocol) desenvolveram usos da rede como envio de mensagens,

lista de correspondência, salas de *chat*, jogos para múltiplos usuários, conferências e sistemas de conferências.

O uso crescente de redes como a Internet resultou na criação de um novo tipo de organização social, a sociedade em rede, que permite a formação de comunidades virtuais, grupos humanos constituídos pela identificação de interesses comuns.

Assim, passa-se a viver uma realidade diferente: as barreiras espaciais, temporais e geográficas já não são tão significativas; as redes globais de intercâmbios conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países sob os efeitos globalizantes provenientes da modernidade.

As comunidades virtuais podem se caracterizar como comunidades? Mesmo perdendo algumas características das comunidades modernas, elas não perdem o essencial: o sentimento de pertencimento e uma territorialidade. A formação das tribos pós-modernas traz essa sensação de ligação, de pertencer a uma comunidade, mesmo que ela só exista no espaço imaginário e invisível do ciberespaço. E o aspecto da territorialidade é do ponto de vista simbólico, não geográfico. Outro ponto análogo entre as novas tribos e as comunidades modernas é a existência de um meio de comunicação próprio – que de fato é a própria Internet.

Nos anos 80, Rheingold (2005) começou a escrever sobre Internet e sociedades *on-line* e popularizou a expressão comunidade virtual em 1993, quando publicou o livro “*Comunidade Virtual*” Define comunidade como “uma teia de relacionamentos mantida, ao longo do tempo entre pessoas que se preocupam umas com as outras”, comunidade digital como “uma rede e relacionamentos que é capacitada, melhorada ou amplificada por ferramentas digitais”.

As comunidades virtuais foram definidas inicialmente por Rheingold (2005) como “...agregações sociais que emergem na Internet quando uma quantidade significativa de pessoas promove discussões públicas num período de tempo suficiente, com emoções suficientes, para formar teias de relações pessoais no ciberespaço.”

Hoje existem mais de 100 mil grupos de discussão na Usenet, calculando-se em torno de 250 milhões de mensagens/ano, entre 11 milhões de pessoas, segundo Rheingold (2005).

As comunidades virtuais estruturam-se sobre dois conceitos básicos: a comunicação é livre, horizontal, sem censuras e permite a formação autônoma de redes. A liberdade de expressão e de procura, filiação, estruturação de sua própria rede são os grandes valores que emergem das comunidades virtuais.

Lemos (2006), por sua vez, contribui para o debate ao afirmar que nem toda forma agregadora da Internet pode receber o rótulo de comunitária, pois existem certos agrupamentos sociais em que os participantes não guardam qualquer vínculo afetivo e/ou temporal, são apenas formas de agregação eletrônica.

Assim, a agitação da vida moderna e a intensificação de problemas sociais como violência provocam mudanças de hábitos nas pessoas, que passam a evitar sair às ruas, diminuindo o contato social físico. Devemos observar ainda que a principal distinção entre as sociedades “tradicionais” e as “modernas”, nas palavras de Hall (2001) é que as sociedades modernas são, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Para Rheingold (2005), esse estilo de vida proporciona o surgimento de comunidades virtuais, quando se torna possível

conhecer pessoas diferentes e interessantes estando conectado à rede de alcance mundial de casa ou do ambiente de trabalho.

Na comunidade virtual, o indivíduo escolhe e elege qual comunidade quer fazer parte, sendo a principal motivação o seu interesse particular em um ou mais assuntos. Nela, percebe uma identificação e encontra pessoas para compartilhar idéias e promover discussões públicas, uma vez que a interação mútua, relação recíproca que ocorre entre as pessoas mediadas pelo computador, é fundamental para o estabelecimento e consolidação de comunidades virtuais (PRIMO, 1997).

Nesse aspecto, torna-se importante esclarecer que é o interesse em comum partilhado que transmite à comunidade o sentimento de pertencimento.

Para que o sentimento de comunhão se propague, é necessário que haja compartilhamento de saberes, de conhecimento, de opiniões que podem até mesmo ser divergente, uma vez que no interior da comunidade, os participantes podem e devem ter opiniões contraditórias e conflitantes, que é uma forma saudável de verificar o grau de tolerância entre seus membros. Além disso, a existência de idéias conflitantes pode resultar na elaboração de novos saberes, construídos a partir de debates e discussões.

Outro aspecto relevante para a formação de comunidades virtuais é a permanência temporal, para que os integrantes se sintam realmente parte de um agrupamento de tipo comunitário (LEMOS, 2006), ou seja, possam criar um laço social permanente e contínuo, porque, em caso contrário, a cada encontro se partiria do zero, de um momento inicial de apresentação. Isso não significa, porém, que as comunidades virtuais depois de iniciadas não aceitem novos membros, mas que os participantes devem manter entre si vínculos sociais.

Como há muitos mitos em torno da Internet, é necessário esclarecer que a Internet não modifica o comportamento dos internautas. Na realidade, as pessoas se apropriam da Internet e das suas potencialidades e, assim, amplificam a capacidade de se comunicar e de criar. Os comportamentos são expandidos pelos meios tecnológicos, fazendo com que indivíduos localizados em diferentes partes do globo e munidos de equipamentos adequados possam conectar idéias, crenças, valores e emoções.

Algumas comunidades virtuais costumam promover encontros e eventos fora do ambiente virtual como uma maneira de reforçar o contato face-a-face, uma forma das pessoas se conhecerem pessoalmente e que, em última instância, complementaria a relação social mantida no ciberespaço.

Torna-se ainda importante esclarecer que o ambiente virtual é visto como um espelho da sociedade, que apenas reflete as práticas sociais e, portanto, não é melhor e nem pior. Nesse sentido, acreditamos que a Internet, assim como as demais técnicas e tecnologias, não muda as atitudes e comportamentos sociais, na verdade, as pessoas se apropriam das tecnologias disponíveis na rede.

Uma análise na bibliografia disponível e, em especial nos trabalhos mais recentes, mostra uma sucessão de termos semelhantes para “comunidade virtual ou *on-line*”, “comunidade mediada por computador” e “comunidade mediada pela internet”. Levy (1999, p. 130) explica:

Uma comunidade virtual não é irreal, imaginária ou ilusória, trata-se simplesmente de um coletivo mais ou menos permanente que se organiza por meio do novo correio eletrônico mundial.

A expressão comunidade atual seria, no fundo muito mais adequada para descrever os fenômenos de comunicação coletiva no ciberespaço do que comunidade virtual.

Como fica o que se compreende por grupos frente a este conceito de virtual e de atual? No grupo virtual, existe um outro tempo que é desprovido da territorialidade. Existem grupos virtuais? O que se comprova é que no instante da comunicação é o real acontece. O participante efetivamente interage com alguém, que não está ali no *face-to-face*. Mas para ele, ao interagir, ao ler a mensagem, é real e atual.

O meio onde isso ocorre é que mudou: "... o computador é antes de mais nada um operador de virtualização da informação" Levy (1999, p. 55).

Então, nas comunidades virtuais como fica o conceito de grupo? Não existe o atual. Existe o real, num outro tempo e desprovido de territorialidade. O grupo dito virtual existe enquanto grupo, mas efetuando a sua comunicação através do ciberespaço. Assim, nesse conceito, o grupo, seja qual for o meio que utiliza como forma de comunicação, jamais será virtual. Sempre será atual. O grupo, enquanto grupo, não virá a ser, pois ele é por si só. As interações humanas acontecem em múltiplas dimensões. Estamos nos relacionando na dimensão cibernética.

Como perceber esses grupos e analisá-los se não podemos "vê-los"? Como perceber os lugares de cada membro, a topologia que se estabelece? Qual a dinamicidade que esses grupos vivem? Esse é o novo, esse é o desafio.

1.6 Comunidade “Lista dos aficcionados pela moto Honda VT 600 C Shadow”

1.6.1 Histórico

Como em todas as comunidades virtuais, as proximidades intelectuais e temáticas são os motivadores da sua formação, em detrimento das proximidades físicas.

O interesse pela motocicleta Honda Shadow 600 – um estilo *custom* de média - é a motivação formal para a existência do grupo no ambiente virtual.

A lista de discussão denominada “**Lista dos aficcionados pela moto Honda VT 600 C Shadow**” (abreviada como **Lista SHADOW600**) foi criada em 3 de julho de 2000.

Na descrição anuncia seus objetivos:

Seja bem-vindo(a) e participe enviando suas opiniões, dicas de manutenção, histórias de viagens, fatos engraçados, romances, fotos, etc..., conseguidos ‘à bordo’ de uma Honda VT 600 Shadow, ou não.

Formamos um "Motogrupo", não de regra, mas de fato. Entre e se utilize desta ferramenta para fazer amigos.

Essa declaração merece uma atenção especial: no primeiro parágrafo define uma regra inicial para o grupo: “o tema a ser tratado deve relacionar-se à moto, mesmo que não seja a Shadow”. Isso é reforçado no segundo parágrafo: “Motogrupo...não de regra, mas de fato”. Fica claro para o interessado que o assunto central será moto e oportunidades de fazer amigos. Porém, o que se observa nas mensagens enviadas é que muito pouco se escreve e se debate sobre motos.

1.6.2 Sobre o mecanismo lista de discussão

O mecanismo adotado pela comunidade virtual selecionada (“**Lista dos aficcionados pela moto Honda VT 600 C Shadow**”) para se comunicar é o de “**lista de discussão**”, baseado na tecnologia do provedor Yahoo¹. Esta expressão é uma tradução livre do termo *mailing lists*, e trata-se de uma ferramenta de comunicação virtual da Internet que apresenta um funcionamento simples, prático e eficiente.

Nesta lista, as mensagens postadas não estão protegidas por senha, uma alternativa possível ao criador da comunidade. Elas estão disponíveis ao público. Para lê-las, basta acessar o endereço <http://br.groups.yahoo.com/group/shadow600>.

1.6.3 Perfil dos debatedores

Muitos dos participantes adotam apelidos (*nicknames*). Esta é uma prática comum no mundo real dos “*bikers*” e estendida ao ambiente virtual: muitos motociclistas adotam apelidos e ostentam-nos em seus coletes, na parte traseira.

Esta prática do apelido *on-line* (na lista de internet) com o real é registrada por BAYM (apud Castells, 2003): “... na realidade parece que muitos, provavelmente a maioria, dos usuários sociais da comunicação mediada por computador criam personalidades compatíveis com suas identidades *off-line*”.

¹ O Yahoo! Grupos é um serviço gratuito que permite reunir a família, amigos e membros por meio de um Web site e grupo de e-mail. Não é necessário conhecer HTML para criar seu próprio grupo. O Yahoo! Grupos oferece uma forma conveniente de conectar-se com outras pessoas que compartilham os mesmos interesses e idéias. Os usuários do Yahoo! criam uma infinidade de grupos de e-mail nos quais você pode se inscrever, em um ambiente fácil de usar. É possível utilizar o serviço Yahoo! Grupos via Web ou através de um programa de e-mail.

Grande parte dos laços sociais criados nas relações virtuais foi transposta para a vida *off-line* dos participantes desse grupo. Muitos membros se conhecem e costumam se encontrar para passeios programados. No entanto, esses laços continuam a ser mantidos prioritariamente no local onde foram forjados: na comunidade virtual. Aliás, alguns participantes nunca se conheceram pessoalmente.

É possível afirmar que, enquanto a comunidade recebe mais membros e outros se vão, existem subgrupos com constância dos participantes, percebidos por relatos das viagens e passeios programados.

Essa comunidade contemplava 928 membros inscritos na data de 14 de junho de 2007 (número sempre crescente). Em 21 de junho de 2007 já alcançava a marca de 938 inscritos.

Embora a comunidade seja composta por este quase milhar de associados, é um número próximo de 50 membros que participam com frequência. Tais personagens apresentam as seguintes características:

- São homens
- Casados – as esposas também curtem as motos e acompanham nos passeios
- Estão na meia-idade, entre 30 a 50 anos
- Desfrutam de uma boa situação econômica: podem investir em uma moto cujo valor é de R\$ 32.000,00 (valor médio da Honda Shadow 600); muitos possuem motos ainda mais caras, como BMW e Harley-Davidson
- Têm curso superior
- Usam a moto como lazer/*hobby*

1.7 Objetivos

Ao examinar um grupo presencial, é possível perceber diversos movimentos: as iniciativas para assumir a autoridade e o poder; quem são os membros mais calados e/ou menos participativos; a competição, etc. Ou seja, a vida como ser social permite identificar determinados movimentos grupais ou individuais. E nesta dinamicidade grupal, destaca-se sobremaneira a teoria forjada por Wilfred Bion, a qual – através de um viés psicanalítico – enriquece o conhecimento grupal ao colaborar para um estudo da realidade.

A pergunta que move essa pesquisa é: **em um grupo virtual é possível identificar os conceitos propostos por Bion, como os pressupostos básicos, a mentalidade grupal e a cultura de grupo?**

Baseado nesta questão, o presente trabalho tem como objetivos:

- Experimentar a validade do olhar bioniano através dos pressupostos básicos em uma comunidade virtual
- Estudar as relações que se estabelecem nessa comunidade virtual
- Identificar os movimentos que ocorrem na **lista Shadow600**
- Gerar conteúdo crítico para trabalhos posteriores

A seguir é apresentado o estudo realizado.

2 MÉTODO

2.1 Descrição do delineamento

O método escolhido para desenvolver esta pesquisa é a análise qualitativa de dados secundários, sendo o seu delineamento de nível descritivo.

2.2 Amostra

As informações coletadas são oriundas de mensagens trocadas pelo grupo durante o período de primeiro de abril de 2007 a 16 de junho do mesmo ano. O referido período gerou próximo de 5.800 mensagens.

Além disso, para esclarecimento de algumas questões, utilizou-se o mecanismo de pesquisa de mensagens da lista – que armazena todas as trocas desde o início da mesma –, o que propiciou resgatar debates mais antigos.

Tais mensagens foram obtidas através do repositório eletrônico das mensagens da comunidade virtual “**Lista dos aficcionados pela moto Honda VT 600 C Shadow**”. Tais registros são de domínio público e encontram-se disponíveis no endereço de internet <http://br.groups.yahoo.com/group/shadow600/>.

2.3 Volume anual de mensagens trocadas

O gráfico a seguir demonstra a saúde do grupo, uma vez que a quantidade de mensagens trocadas mensalmente nunca fica abaixo de 1.000 unidades, o que retrata estar o mesmo em plena atividade.

A média de mensagens para o ano de 2006 ficou próximo de 2.500 unidades mensais ou 83 por dia.

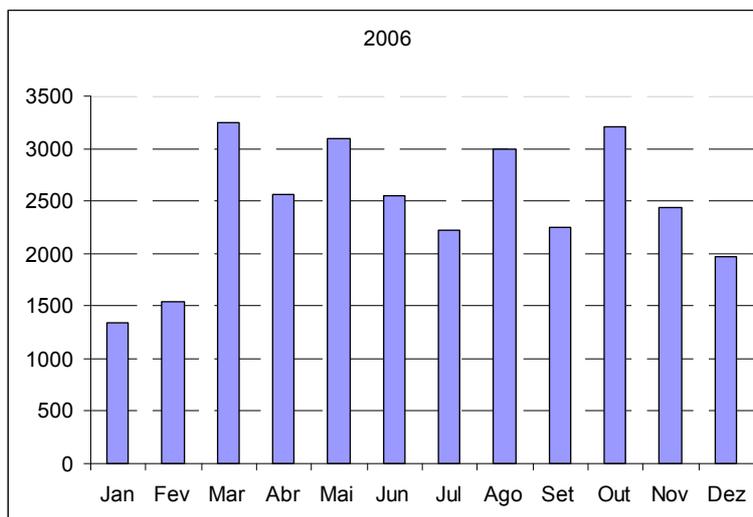


Gráfico 2 - Volume mensal de troca de mensagens no ano de 2006

Fonte: Página principal da lista no Yahoo

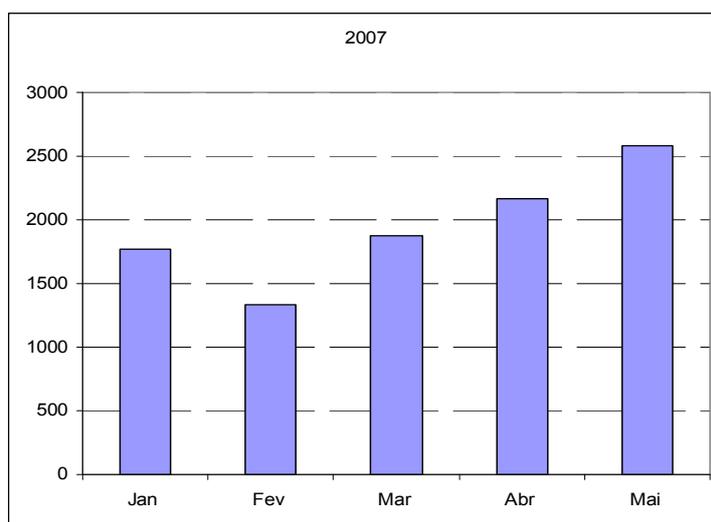


Gráfico 3 - Volume mensal de troca de mensagens no ano de 2007

Fonte: Página principal da lista no Yahoo

Considerando a data atual – 14/05/2007 – o ano até o momento mantém, em média, elevado número de troca de mensagens (1.950 por mês).

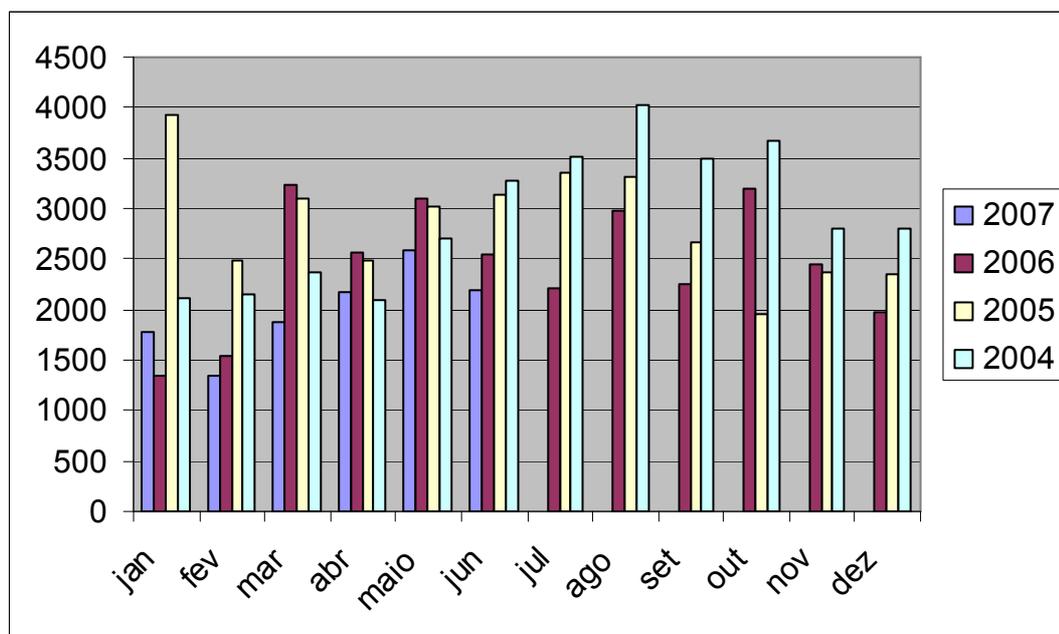


Gráfico 4 – Comparativo ano e mês do volume mensal de troca de mensagens dos anos de 2004, 2005, 2006 e 2007.

Fonte: Página principal da lista no Yahoo

Da análise dos gráficos observa-se que há um decréscimo no número mensal de mensagens enviadas na comparação entre os quatro anos. De modo geral, os meses de janeiro e fevereiro apresentam as menores taxas de trocas de mensagens, o que pode ser resultado do período de férias. Nos meses de março e maio as trocas intensificam-se, em especial com relatos de viagens e eventos similares. Em 2007, o número de mensagens diminuiu em relação a outros anos, remoando um crescente nos meses de fevereiro a maio. A análise dos dados não nos indica um padrão repetido ao longo do ano ou na seqüência dos meses.

2.4 Descrição do instrumento

Coleta de mensagens através do site do grupo na internet existente no endereço <http://br.groups.yahoo.com/group/shadow600/>.

2.5 Procedimentos para a coleta de dados

A coleta e análise dos dados foram efetuadas tendo como base as mensagens trocadas pelo grupo no período definido, adotando-se o seguinte procedimento:

- Leitura das mensagens
- Análise do seu conteúdo
- Classificação da comunicação entre relevante e irrelevante: os conjuntos de mensagens – baseadas no título original – que geravam interações interpessoais acima de 10 unidades, com continuidade ao assunto inicial, eram analisados e investigados sob a vista da teoria de Bion
- Seleção das mensagens relevantes
- Formulação de hipóteses e correlação com a teoria escolhida
- Relação das mensagens com os pressupostos básicos e conceitos de Bion

3 APORTE TEÓRICO

Esta seção explana conceitos relacionados aos pressupostos básicos definidos por Bion para análise e leitura de movimentos de grupos.

3.1 Topologia

Numa comunidade virtual, um aspecto fundamental de grupos é esvaído: **a topologia e a noção de espaço**. Desaparecem ferramentas importantes para análise de grupos, como a disposição dos líderes, autoridade formal e informal, comunicação não-verbal (como olhares cúmplices, balançar de cabeça, movimentos gestuais, e outros). Lewin em seu *“Princípios de psicologia topológica”* (LEWIN, 1973) tece toda uma gama de fundamentos teóricos sobre o aspecto vital que compreende a pessoa e sua disposição no espaço físico. Nos ambientes virtuais, esta teoria não representa um modelo adequado para análise, em função da ausência da idéia de espaço físico.

O que o pesquisador dispõe é tão somente as palavras e expressões utilizadas. Ainda que a comunidade virtual em observação possa ter encontros reais entre seus membros, o escopo do estudo é a experimentação da teoria grupal de Bion no ambiente virtual, no ciberespaço. Assim, ainda que encontros periódicos de subgrupos possam acontecer, eles não contaminam as relações de poder existentes no grupo, as quais abrangem participantes de todo o território nacional se inter-relacionando por mensagens eletrônicas.

3.2 Bion-grafia

Um dos maiores psicanalistas da história, Bion teceu uma das mais importantes teorias sobre processos grupais.

Nascido na Índia, filho de ingleses, permaneceu neste país até a idade de oito anos, quando vai cursar ensino na Inglaterra. Destaca-se nas áreas esportivas como *rugbi* e natação. Ingressa na carreira militar e é um dos mais jovens oficiais a serem condecorados na Primeira Grande Guerra. Ao final desta, forma-se em letras e posteriormente em medicina, escolhendo a psiquiatria. Convocado para a Segunda Grande Guerra, participa de comitês de seleção de oficiais, onde implementa um método de escolha revolucionário: ao invés de apenas os tradicionais técnicos psicotécnicos, elabora um exercício de construção de ponte por parte dos candidatos. Neste processo, observa-se muito mais o comportamento dos mesmos do que o sucesso na realização da tarefa. Baseada em sua experiência militar, justifica que um comandante deve relacionar-se bem com seus comandados, o que não é possível perceber nos testes tradicionais. Posteriormente, no hospital militar Northfield, trabalha com reabilitação dos militares à vida civil, onde desenvolve sua pesquisa sobre grupos.

Ao final desta etapa, incorpora-se à Clínica Tavistock onde continua o desenvolvimento e pesquisa sobre grupos, agora já atendendo civis, empresários e outras fatias da sociedade.

Encerra a fase sobre grupos e inicia novas pesquisas sobre psicanálise, reformulando e criando conceitos no tema. Na década de 70, esteve quatro vezes no Brasil, a convite de Frank Philips, analista britânico radicado em S. Paulo e seu ex-

analisando. Foram encontros de intensa atividade, cujos debates estão reunidos na obra “*Conferências Brasileiras*”. Morre em 1979, aos 82 anos na cidade de Oxford.

3.3 Contexto do trabalho realizado por Bion em grupos

Bion inicia seus trabalhos com grupos no exército inglês, na reabilitação de militares do Hospital Northfield, durante a Segunda Guerra Mundial. Revolucionou o tratamento incluindo treinamento físico e atividades em grupo. Sua proposta tem como objetivo a não-interferência nos conflitos, de forma que a solução dos problemas brote do próprio grupo.

A consequência é uma mudança no clima do hospital, o que provavelmente preocupa a cúpula dos oficiais do exército. Acredita-se que por isso a experiência durou pouco, apenas um mês e meio.

Bion desenvolve também uma nova forma de seleção dos oficiais, usando a técnica de grupo sem liderança (*leaderless group*), onde destacam-se as capacidades interpessoais dos candidatos. Defende que um comandante precisa ter bom relacionamento com seus comandados, caso contrário não saberá combater seus inimigos.

Ao fim da Segunda Guerra, Bion inicia seus estudos com grupos terapêuticos. Esses grupos se caracterizam pela falta de definição de objetivos e de regras de procedimentos.

O primeiro trabalho desenvolve-se com um grupo de diretores da Tavistock Clinic – o qual igualmente teve curta duração. Bion persiste e algum tempo depois forma um novo grupo com analistas que tinham experiências com grupos. Assim

cada participante desempenha a função de paciente e analista. Depois de um ano o grupo se desfaz por falta de participantes.

Dando continuidade às suas experiências, em 1948 Bion organiza grupos somente com objetivo terapêutico. Suas intervenções são raras e objetivas; quando um dos membros se manifesta analisando os movimentos do grupo, ele se mantém calado.

A sua teoria de funcionamento dos grupos busca embasamento na análise do movimento desses grupos e fundamenta-se nas suas concepções de espírito de grupo, mentalidade grupal, cultura do grupo, valência, cooperação, grupo de trabalho, grupo de pré-supostos básicos e a dimensão atávica de grupo.

Para Bion, segundo Zimmerman (2004), o espírito de grupo se trata de características que legitimam, unem e são determinantes para a dinâmica grupal. São elas: existência de um objetivo comum aos participantes; reconhecimento dos limites do grupo; reconhecimento de cada membro bem como de sua posição e função; capacidade de absorver novos membros e de conviver com a perda de membros; liberdade e valorização dos subgrupos; capacidade de enfrentar e saber lidar com os descontentamentos do grupo em si; a tradição do grupo como possível oposição ao surgimento de idéias novas; o líder e o grupo compactuando da mesma fé.

Quando fala em **valência**, Bion transpõe para o campo grupal os conceitos químicos: a capacidade de um átomo formar ligações com outros átomos é, na visão bioniana, a aptidão individual de cada indivíduo em combinar-se com outros e a predisposição em ligar-se no que está por vir.

A **mentalidade de grupo** é “a expressão unânime da vontade do grupo à qual o indivíduo contribui por maneiras das quais ele não se dá conta, influenciando-o, desagradavelmente sempre que ele pensa ou se comporta de um modo que varie de acordo com os pressupostos básicos” (Bion, 1975, p. 57).

A mentalidade é própria daquele grupo, cria uma unanimidade que vai além dos indivíduos, é o padrão de comportamento do grupo.

Para Bion (1975, p. 47) o termo **cultura de grupo** é:

(...) expressão que empreguei para descrever aqueles aspectos do comportamento do grupo que pareciam nascer do conflito entre a mentalidade do grupo e os desejos do indivíduo.

Zimerman (2004, p. 109) deslinda algumas expressões de Bion:

A **mentalidade do grupo** alude ao fato de que um grupo mantém uma unanimidade de pensamento e de objetivo, a qual transcende aos indivíduos e se institui como uma entidade à parte. **A cultura do grupo** resulta do conflito de uma oposição entre as necessidades da “mentalidade grupal” e as de cada indivíduo em particular.

A mentalidade do grupo está formada pela opinião, vontade ou desejo unânime do grupo em um momento dado. Os indivíduos contribuem para ela anônima ou inconscientemente. A mentalidade grupal pode estar em conflito com os desejos, opiniões ou pensamentos dos indivíduos, produzindo-lhes desconforto, mal-estar, ou outras reações.

A hipótese de existência de uma mentalidade grupal deriva do fato de que o grupo funciona em muitas oportunidades como uma unidade, ainda que seus membros a isto não se proponham nem disto tenham consciência.

Bion (1975, p. 57) explica o conceito:

A mentalidade do grupo é a expressão unânime da vontade do grupo, à qual o indivíduo contribui por maneiras de que não se dá conta, influenciando-o desagradavelmente sempre que ele pensa ou se comporta de um modo que varie de acordo com as suposições básicas. Assim, trata-

se de uma maquinaria de intercomunicações que é construída para garantir que a vida do grupo se acha de acordo com as suposições básicas.

Bion (1975, p. 49-50):

.. Não traz muita felicidade insistir sobre a responsabilidade coletiva desta maneira, mas presumirei, não obstante, que a menos que um grupo desautorize ativamente seu líder, ele estará, de fato, seguindo-o. Resumindo, direi que tenho plenas justificativas para dizer que o grupo se sente assim ou assado, quando, na realidade, apenas uma ou duas pessoas pareceriam fornecer, através de seu comportamento, justificativa para tal afirmação, se, na ocasião de assim comportar-se, o grupo não mostrar sinais exteriores de repudiar a liderança que recebe.

O grupo de trabalho volta-se para o consciente e tem a cooperação como princípio e a concretização de uma tarefa como objetivo. A cooperação é própria do grupo de trabalho e pauta-se na razão.

Ainda o mesmo Zimerman (2004, p. 109) diferencia “grupo de trabalho” versus “grupo de base”:

Todo grupo opera sempre em dois níveis que são simultâneos, opostos e interativos, embora bem delimitados entre si. Um nível é o de que ele, Bion, denomina como “grupo de trabalho” e outro é o “grupo de base” (ou de “pressupostos básicos”).

O “grupo de trabalho” está voltado para os aspectos conscientes de uma determinada tarefa combinada por todos os membros do grupo (...)

Ainda sobre a diferenciação de tipos de grupo, Chuster (1999, p. 35) expõe:

A metabolização pelos grupos da fantasia inconsciente ocorre em dois níveis. No nível mais primitivo, que coincide com o conceito de posição esquizoparanóide, temos o grupo de **Suposto Básico (sb)**. Esse, necessita evoluir para o **grupo de Trabalho (W)**, que é o nível mais desenvolvido da fantasia inconsciente, tal como seria a posição depressiva no indivíduo. No processo de transição observamos as vicissitudes da vida grupal humana.

O grupo opera nos dois níveis, oscilando entre as necessidades conscientes e as inconscientes.

Bion identifica três padrões de comportamento dos grupos que são diferentes, porém relacionados. A tais fenômenos, chama-os de pressupostos básicos. Os mesmos são o equivalente para o grupo de fantasias onipotentes a respeito do modo pelo qual serão resolvidas suas dificuldades.

Todos os pressupostos são estados emocionais tendentes a evitar a frustração inerente ao aprendizado que implica esforço, dor e contato com a realidade. A participação de um pressuposto básico não exige de seus integrantes nenhuma capacidade de cooperação, capacidade que é um requisito fundamental para a participação em um grupo de trabalho.

O primeiro pressuposto básico é o chamado **pressuposto básico de dependência** e é formulado em termos narrativos: o grupo sustenta a convicção de estar reunido para que alguém provenha a satisfação de suas necessidades e desejos, alguém de quem o grupo depende de forma absoluta. Em uma formulação mais modelada, a crença coletiva é de que existe um objeto externo, cuja função é prover a segurança do grupo, organismo imaturo. Ou ainda a crença em uma deidade protetora cuja bondade, poder e sabedoria não se põem em dúvida.

O segundo pressuposto básico, de **luta-e-fuga**, consiste na convicção grupal de que existe um inimigo, e que é necessário atacá-lo ou dele fugir. Em outros termos, o objeto é mau, é externo e a única atividade defensiva diante dele consiste em destruí-lo (ataque) ou evitá-lo (fuga).

O suposto básico de **acasalamento** é, em termos narrativos, a crença coletiva e inconsciente de que quaisquer que sejam os problemas e necessidades atuais do grupo, um fato futuro ou um ser ainda por nascer, os resolverá, quer dizer, há esperança de tipo messiânico.

4 PERFIL DA COMUNIDADE

4.1 Do subgrupo em análise

Apesar do mecanismo de mensagens Yahoo indicar uma associação de mais de 900 inscritos na **lista Shadow600**, percebe-se a participação constante de um grupo que chega, ao máximo, de 50 pessoas. Estas são identificadas por seus apelidos, *nicknames* e até nomes verdadeiros.

É neste reduzido subgrupo que ocorrem, na maioria das vezes, os processos grupais nos quais iremos identificar nosso contexto de avaliação.

O que mantém, efetivamente, essas pessoas constituindo uma comunidade virtual? Que relações se estabelecem? Onde estão os demais participantes? Que mecanismos de inclusão/exclusão esses 50 controlam? Formariam um grupo de dominância? Em que se fundamenta essa dominância? Quais motivações inconscientes agrupam e mantém estes indivíduos reunidos?

4.2 Cultura e mentalidade do grupo Lista Shadow600

Entre os participantes se desenvolveu um forte conceito de "moral social". Uma espécie de código de conduta, um conjunto de regras não escritas e que governa suas relações. Ou seja: não é necessário impor o que "pode" e o que "não pode". A própria comunidade se auto-regula, se organiza. Os indivíduos realizam um rodízio na monitoração da manutenção de tais normas. A seguir, alguns exemplos destas iniciativas que denotam questões inconscientes e conscientes do grupo:

4.2.1 Convenção de identificação dos membros

Com o objetivo de identificar os membros do grupo dentro dos vários exemplos que apresentamos, adotamos como convenção as letras gregas. Assim, um membro será reconhecido como **Alfa** em determinado conjunto de mensagens, o que não significa que um **Alfa** de outro conjunto de mensagens seja o mesmo do anterior.

4.2.2 Do batismo no grupo

Inscriver-se na lista é um processo simples e que envolve apenas um cadastramento de *e-mail* para receber as mensagens. Contudo, participar do grupo que debate assuntos exige passar por um ritual caracterizado como um batismo. O grupo não permite que um novo membro inaugure sua participação na lista questionando aspectos técnicos do modelo de motocicleta (ou qualquer outro tipo de manifestação) sem que seja colocado à prova.

Zimerman (2004) esclarece que Bion alude a uma dimensão atávica do ser humano, com a necessidade de reunir-se em rebanhos e formar famílias, tribos, gangues e clãs. E neste aspecto a entrada de alguém no grupo obedece a um ritual que objetiva conformar o novo sujeito à mentalidade do grupo. Ler Campbell (2000, p. 41) ajuda a compreender o movimento do grupo na transposição do seu conjunto de valores ao iniciado:

Os hábitos cerimoniais de uma sociedade são meios pelos quais os valores em questão recebem uma expressão coletiva em ocasiões adequadas. A expressão cerimonial (isto é, coletiva) de qualquer valor serve tanto para mantê-lo no requerido grau de intensidade na mente do indivíduo, quanto para transmití-lo de uma geração a outra.

Ainda Campbell (2000, p. 103) apresenta uma explanação que, apesar de longa, vale a pena a leitura pois caracteriza bem o momento em que o indivíduo é aceito no grupo ou é rejeitado:

Em todo o mundo os rituais de transformação da infância para a virilidade estão ligados a provações dolorosas e são efetuados através delas. Flagelos, abstinências, quebra de dentes, cicatrizações, circuncisões, subincisões, amputações de dedos, remoção de um testículo, (...) são a regra geral. Essas provações, de fato, atualizam brutalmente a fantasia da infância de agressão edípica; mas há um aspecto suplementar da situação a ser considerado, visto que o corpo natural é transformado pelas provações em um sinal sempre presente de um novo estado espiritual. Pois mesmo nas sociedades mais brandas e desenvolvidas, onde o corpo não é mais despido e mutilado, novas roupas e ornamentos são assumidos, após a iniciação, para simbolizar e sustentar o novo estado espiritual. (...) No Ocidente, conhecemos o uniforme militar, o colarinho dos clérigos, o cavanhaque dos médicos e a peruca dos juízes.

Ao ler a seqüência de mensagens que ilustra este batismo, percebe-se a “provação” que um novo membro passa para incluir ou excluir-se aos “eleitos” da tribo (grupo dos 50). Há uma regra informal entre os mais antigos (e desconhecida pelos novatos) que estes devem ganhar um apelido nas suas primeiras participações. Tal processo gera, dependendo da inspiração do grupo, dezenas de mensagens durante um ou dois dias onde, invariavelmente, ironizam e debocham do novo participante. Transformações silábicas ou ortográficas em seu nome ou apelido geram prazer no grupo e simulam a provação apresentada por Campbell.

Abaixo, as mensagens exemplificando o processo batismo do grupo, sendo a primeira enviada pelo novo membro **Alfa Cavalcante** em 24 de maio de 2007:

From: **Alfa Cavalcante**
Subject: [shadow600] só me apresentando...

Fala galera,

Agora devidamente "liberado" pelo moderador passo por aqui para me apresentar...

Deixei uma Virago e embarquei na Shadow.

Teclado de Brasília.

Nos "vemos" por aqui e pelas estradas.

Bons ventos!

Alfa "PeU" Cavalcante
Shadow - Buguela
Brasília - DF

Há de se observar que **Alfa** já possui um apelido próprio, grafado em sua assinatura como "PeU". **Beta** recepciona-o na lista, mas adverte para o processo de sacramentar seu ingresso no grupo:

Seja muito bem vindo.

Logo ganhará um apelido como tantos outros, mas aproveite que a galera é muito show.

Ah tem uma participante aqui do grupo que é de Brasília tb.

Abrass.

Beta

Então a provação virtual se inicia, estimulando a criatividade dos participantes. Como **Gama** sugerindo: "*- Beta, eu diria que é Cavalgante*" (substitui a segunda letra "c" pela "g" no sobrenome do iniciante). Ou **Delta**: "*- Fala Cavalcante!!! Pode tirar esse PeU daí... A primeira coisa que vais aprender aqui, é que o apelido que vc "já" tem é apenas um detalhe...*".

Ou **Épsilon**:

Isso mesmo. ...
de PeU. . passa pra PeUm. .. q vira PUm. ... e termina em PeIDO !!!

Naum esquentar naum. .. é assim mesmo no começo. . depois vc se acostuma. ...
Mas. . seja bem vindo !!!

E segue-se um rol de mensagens. **Zeta**: "*- Peraí... Precisa ver se o cara gosta deste apelido. Que se ele gostar, a gente bola outro, hahaha... Ei Zeta*".

Téta: “- PeU, Seja bem vindo a esta lista, você vai gostar e não vai mais sair daqui. Porém, seu nome apelido fica melhor como sendo PHeUdorento Eheheheh...”.

Esta recepção, lida por nós como hostil, é uma característica deste grupo. O mesmo já existe há mais de sete anos e possui seu conjunto de valores já estabelecidos. Ele inclusive foge às regras “formais” da internet (como “não agredir um outro participante”) e encontra seu próprio “*modus operandis*”.

Percebe-se também que a ironia, uma das características desse grupo, está a serviço neste momento do ritual de inclusão. Ao trabalhar o apelido inicialmente proposto (e fugindo às regras do grupo) pelo próprio membro, o grupo chega em outra palavra para representá-lo, lembrando o apelido inicial, porém modificado e com forte conotação pra uma troça ou zombaria. Na verdade, o grupo mascara nessa pseudo-brincadeira seu ritual de inclusão, que passa por um processo de chacota imposto ao novo membro. É um procedimento que mede a resistência do outro; parece que é preciso suportar o escárnio para vir a ser aceito no grupo. Torna-se um claro exercício de dominância dos antigos em relação ao novo membro.

Talvez o que o grupo esteja medindo seja a capacidade emocional do novo membro de suportar tais brincadeiras e ironias, com o que ele poderá – passada essa provação – ser aceito e engajar-se nos assuntos.

4.2.3 Estereótipos valorizados

Proprietários de motocicletas de alto valor aquisitivo (BMW, Harley-Davidson e Triumph) ou de grande cilindrada (estas últimas remetem a alto valor aquisitivo)

são respeitados pelo grupo. De alguma forma, o mesmo “diviniza” quem as possui, aferindo um respeito automático e que não se esvai durante os debates.

O membro **Alfa** compra uma nova moto de 1.500 cilindradas (2,5 maior que a cilindrada da Honda Shadow 600) e é recepcionado com elogios por vários integrantes do grupo:

Re: [shadow600] A Rúbia Nasceu

Bem, Alfa, agora vc tem uma moto e é uma japonesa com 1.500CC. Não é para todo dia pois sua ciclística é phod..., mas numa estrada, é show de bola!

Outra mensagem:

Parabéns pela nova motoca!! kkkkkkkkkk....

Realmente é linda!! :-)

Boulevard C1500
Modelo Boulevard C1500

Em outro exemplo, **Beta** comenta seus valores (e do grupo) para um colega:

Re: [shadow600] Liderança é isso!!!

III GAMA SE TU NAO TEM DINHEIRO.. E NEM STATUS SOCIAL... E NAO ANDA DE HARLEY.. NEM TE DIRECIONAS PRA MIM... SE NAO VOU TE BLOQUEAR...

EU SELECONO.

Na mensagem abaixo, **Gama** associa a palavra “motocicleta” com “Harley-Davidson”, como expressando um pensamento do grupo sobre esta marca:

Teta, naum se apoquente. O alerta amigável do Epsilon é apenas para não falar de coisas de mau gosto, como motoqueiros, passeios de moto, motos japonesas, essas porcarias.

Se falar de motociclista, Harley Davidson e uisquizeiro em Copacabana naum vai ter problema com o Mad, naum.

Abraço.

Gama, apaziguador uma barbaridade...

Outra classe de motociclistas respeitada é daqueles que percorrem grandes distâncias (acima de 1.000 km) em suas viagens. Podem ser aventadas várias hipóteses para este enaltecimento: resistência física para abordar uma experiência desgastante deste tipo; capacidade subliminar de livrar-se do cotidiano (uma viagem dessas pode exigir mais que o tempo de um final-de-semana), o que a maioria não consegue.

Alfa e Gama realizaram uma viagem de motocicleta saindo de Imbé até o Chile.

Re: [shadow600] Expedição Imbe Chile termina com sucesso total

Grande Alfa e Gama

Parabéns pela viagem pela ida, pelo retorno e por todas as emoções que viveram no caminho.

Outras duas mensagens do valor incontestável do grupo sobre grandes jornadas com moto. Primeira:

----- Original Message -----

From: Pi

To: shadow600@yahoogrupos.com.br

Sent: Friday, May 11, 2007 10:24 AM

Subject: Res: [shadow600] Harley na estrada continuação

Fi_dor...

Quando vc cruzar uns 4 países, e chegar perto disso - vide foto anexa - vc fala comigo de novo.

Abraçôlhetas;

Pi - que não sobe em carretinha por causa de qqr pneuzico furado...

Segunda:

Re: [shadow600] Opinião - cadê o Alfa?

(...)

E parabéns pelos 1720 em menos 24 hs. Heróico.

Gama, magnânimo...

----- Original Message -----

From: Beta
To: shadow600@...
Sent: Wednesday, May 23, 2007 9:19 PM
Subject: Re: [shadow600] Opinião - cadê o Alfa?

(...)

Grande merda ter rodado 1000 numa semana, já rodei 940 kms em menos de 12h00. E 1720kms em menos de 24Horas.

4.2.4 Desvalorização de motos de baixas cilindradas

Em contra-ponto ao item anterior, proprietários de motos de baixa cilindrada ou de modelos de alta velocidade (esportivas ou *speeds*) são tratados com razoável desprezo pelo grupo. Em relação a motos de alta velocidade mas não de estilo *custom*, algumas expressões de desvalorização freqüentes contra estas motos são: “– O importante é ir devagar e curtir a viagem”.

Se, a nível do indivíduo, qualquer cilindrada faz do proprietário um motociclista, conforme expresso em algumas mensagens, a nível de participação na **lista Shadow600** a ironia, a brincadeira e o sarcasmo tornam patente um comportamento diferente, tal qual expresso no parágrafo anterior. Expressões pejorativas cunhadas pelo grupo como “coxinha” (ir a pé ou de carro) podem ser utilizadas para hostilizar estes proprietários.

As motos tipo “velocidade” (*speed*) são caracterizadas como de plástico, um adjetivo que ironiza falta de resistência e outros aspectos, como na mensagem abaixo:

Res: [shadow600] Re: To apavorado...

Ah... isso aqui tá parendo leilão...

Querem potência de verdade, o negócio e speed de pRástico!!! kkk

Gama, na mensagem a seguir, tenta fugir do preconceito contra pequenas cilindradas. E o faz identificando todos os membros do grupo que possuem baixa cilindrada (ou seja, estão “marcados”):

----- Original Message -----
 From: Gama
 To: shadow600@...
 Sent: Thursday, June 14, 2007 5:39 PM
 Subject: [shadow600] papelaria

Salve, pessoal

(...)

mas nao eh pq eu tou de harley q eu sou mais ou menos motoqueiro. nao é por que eu tou de harlao que eu sou mais ou menos motoqueiro que o ovelha, q o alfa, q o beta, q o teta, q o epsilon, isso para citar os extremos de cilindrada e estilo.

4.2.5 “Novidades” antigas na lista

Sempre que alguém compartilha uma piada ou imagem engraçada já conhecida do grupo, o integrante **Alfa** envia um conjunto de cinco imagens que se tornaram chavão de lugar-comum (uma montanha-russa de motocicletas, uma mulher que colocou o capacete ao contrário, etc). Por vezes, quando ele não envia, os outros participantes emitem mensagens solicitando “- **Alfa**, envia a montanha-russa pra ele!!”.

Esta forma de proceder dá aos mais antigos um poder de controle e conformação sobre os novatos. E que é sustentada pelo grupo em seguidas manifestações de repúdio quando os novos membros enviam “novidades” já conhecidas.

Abaixo, **Beta** exige a montanha-russa a uma mensagem enviada por **Gama**:

From Beta:

Kd a montaha russa?

----- Mensagem original -----

De: gama <gama@...>
 Para: shadow600@...
 Enviadas: Quarta-feira, 18 de Abril de 2007 8:46:19
 Assunto: [shadow600] compre halão

Peãzada, só para esquentar o dia, essa é boa - compre halão - hehehehe

A uma outra mensagem enviada, o mesmo processo, sempre com um teor de ameaça:

Re: [shadow600] Uma conversa em familia sempre é bom.

Tens a montanha russa?????
 hehehehe

Abrsss

Zeta

Épsilon <epsilon@...> escreveu: ????????

/Minha esposa e eu estávamos sentados na sala, falando das muitas coisas da vida. /

/Estávamos falando de viver ou morrer./

/Eu lhe disse: "nunca me deixes viver em estado vegetativo, dependendo de uma máquina e a base de líquidos. Se você me vir nesse estado, desliga tudo que me mantém vivo". /

A uma dúvida apresentada por um novato, em maio de 2007, o lembrete da "montanha-russa":

Re: [shadow600] CONSUMO SHADOW VT600

Bem vindo

não é assim não, rapazzzz

primeiro se apresenta, diz de que cidade é, opção sexual, tals.

Aqui ninguem mais tem xedou. Mas os manuais tao na pagina do grupo..

nao se assuste com a quantidade de emails, metade é do Sigma e a outra metade é Montanha Russa.

Voce ja sabe o Segredo do Morcego?

Você é primo do Zanzotti?

(...)

Psi

----- Original Message -----

From: OMICRON

To: shadow600@...

Sent: Wednesday, May 09, 2007 11:41 AM

Subject: [shadow600] CONSUMO SHADOW VT600

Ola amigos.

Comprei uma Shadow 2002 e estou preocupado com a autonomia...

Quantos KM ela faz por litro?

A reserva tem qtos litros? e o tanque todo?

Agradeco quem me informar?

Um abraçao.

PS: Nao tenho os manuais...

Um dos aspectos relevantes nesta última mensagem é verificar como a cultura do grupo está inserida no inconsciente de seus membros. Apesar de **Psi** esforçar-se para receber bem o novo integrante **Omicron**, de certa forma recorda-o da (ameaça da) montanha-russa, numa clara demonstração do que Chuster (1999, p. 39) caracteriza: “cultura do grupo são os aspectos do comportamento do grupo surgidos entre a vontade coletiva anônima-inconsciente e os desejos individuais”.

4.2.6 Ameaças de filtrar as mensagens

Quando um membro envia uma mensagem que o grupo considera aborrecedor, tal como aviso de venda de moto (e que não seja estilo *custom*) ou temas que o grupo rejeita lidar, é avisado de que “- *vai entrar no filtro*” – uma expressão para relacionar o mecanismo de que sua mensagem será apagada do servidor de *e-mails* antes mesmo de sua leitura. O filtro funciona como uma ameaça de exclusão aos demais membros, assumindo, a nosso ver, a função de construtor de limites e sendo uma ferramenta a serviço do controle, uma das características desse grupo.

Alguns conjuntos de mensagens ilustram essa situação:

----- Original Message -----

From: Gama

To: shadow600@...

Sent: Monday, June 25, 2007 8:38 AM

Subject: Res: [shadow600] Re: É tempo de repensar a lista Shadow600?

BOTA ERGH!!!, ARGHHH!!!, E BLEARGHHHH!!! nisso. Tô sentindo que vou ter que filtrar essa Gatinha...
Beijundas.
Gama.

Ou ainda:

Re: [shadow600] P/ Lambda...

Sr. Sigma, boa tarde.

A minha pessoa já está sendo, violentamente, filtrada por muitos...
Mais um ou outro, não me fará diferença...

Quer comprovar?

Miu se vc estiver lendo me responda co um "ui"
Niu SJK, vc tb me responda com um "aiai"...

Lambda

----- Original Message -----

From: Sigma

To: shadow600@...

Sent: Thursday, June 21, 2007 1:50 PM

Subject: [shadow600] P/ Lambda...

Olha aqui, Sr, Lambda...

Se vc continuar com esta baboseira de responder cada e-mail da Warrior , que muitos de nós já filtramos, será meu próximo contato a ser filtrado...

Pense bem, depois não vá reclamar, choramingar, implorar para eu voltar a aceitá-lo.

Vá procurar oque fazer....

Passar bem...

Sigma

Um dos prováveis motivos do temor de entrar no filtro é que suas palavras não serão lidas. A lista apresenta-se como um teatro para um jogo de poderes, um “posso ser mais irônico que ele”, uma competição nada velada. Não ser “ouvido”

nesta lista caracteriza-se quase como uma exclusão, uma impossibilidade de participar dos próximos debates.

4.2.7 Piadas sobre gaúchos

Com freqüência aparecem repetidas piadas de gaúcho. A repetição deste processo é curiosa: incluem-se imagens homossexuais dizendo que são gaúchos, que por sua vez dizem que a maior parada gay da América é na Paulista, então estes dizem que a ponte aérea SP-RS lota neste período. Mas nestas piadas, que por vezes são repetidas várias vezes, não há o movimento citado no item 4.2.5 de ameaça com a “montanha-russa”.

Forma-se um clima bélico entre o grupo de membros que reside no sul do país versus os outros integrantes. O grupo maior, de alguma maneira, identifica os membros do sul como um inimigo comum e uma intensa luta, mascarada sob a questão sexual, trava-se no plano virtual da comunidade.

Ou talvez o grupo se depare com uma situação conflitiva em relação a uma tarefa a ser executada, buscando alternativas para aliviar tais pressões exatamente nas piadas sobre gaúchos. Seria este um movimento de fuga para questões conscientes que exigem uma resposta?

Só se for a rosca de vc's, pq quem se queimou foi o pessoal dai.

Alfa

----- Original Message -----

From: BETA

To: shadow600@yahoogrupos.com.br

Sent: Friday, May 18, 2007 2:42 PM

Subject: Re: [shadow600] Pessoal não levem a mau (hehehehehe)

O alfa, ceis tão queimando o q?

a rosca?

hauahuahuahuahuhauhau

Abraço
OGRO
----- Original Message -----
From: GAMA
To: shadow600@yahoogrupos.com.br
Sent: Friday, May 18, 2007 2:26 PM
Subject: Re: [shadow600] Pessoal não levem a mau (hehehehehehe)

NAO TERERÊ...

TO TRANQUILO CONTIGO E COM O RESTO DA LISTA QUE FALA DE GAUCHO...
NAO LEVO PRO PESSOAL.. É SÓ TROCO..
SE VC CHAMA GAUCHO DE GAY..
EU TAMBEM POSSO TE CHAMAR DE VIADO NÃO ACHA??
E ISSO NEM VAI CHARACTERIZAR FALTA DE RESPEITO MEU PRA COM TUA PESSOA... VC ME AUTORIZOU A FAZER ISSO.

ABRASSSS

GAMA
----- Original Message -----
From: Alfa
To: shadow600@yahoogrupos.com.br
Sent: Friday, May 18, 2007 10:17 AM
Subject: Re: [shadow600] Pessoal não levem a mau (hehehehehehe)

Nossa a moça se queimouuuuuu

Alfa

----- Original Message -----
From: GAMA
To: shadow600@yahoogrupos.com.br
Sent: Friday, May 18, 2007 8:27 AM
Subject: Re: [shadow600] Pessoal não levem a mau (hehehehehehe)

É VERDADE.. CATARINA NAO TEM FAMA NENHUMA... MAS VC TEM...
DE GAY BAITOLA... JOQUEI DE JIBOIA... PUTINHO... FRESCO....

HUAHAUHAHAUA

GAMA
----- Original Message -----
From: Alfa
To: shadow600@yahoogrupos.com.br
Sent: Friday, May 18, 2007 8:02 AM
Subject: Re: [shadow600] Pessoal não levem a mau (hehehehehehe)

Será que vc não achou nenhuma piada pq o Catarina não tem a mesma fama que o Gayucho tem??

Alfa

----- Original Message -----
From: GAMA

To: shadow600@yahoogrupos.com.br
 Sent: Friday, May 18, 2007 7:52 AM
 Subject: Re: [shadow600] Pessoal não levem a mau (hehehehehe)

PRA TI VER NÉ ALFA... O RADICCI É GAUCHO.. E CONTA PIADA
 DEGAUHCO.. POR EXTRANGEIRO RIR E PAGAR AINDA PRA ISSO...
 ISSO QUE É CONFIAÇA NO BRAÇO NÉ TCHÊ??

tAVA PROCURANDO PIADA SOBRE CATARINA AQUI MAS NAO ACHEI...
 DEVE SER PORQUE SC PRA MUITOS NEM EXISTE..

ABRASSS

GAMA
 ----- Original Message -----
 From: Alfa
 To: shadow600@yahoogrupos.com.br
 Sent: Thursday, May 17, 2007 2:58 PM
 Subject: [shadow600] Pessoal não levem a mau (hehehehehe)

Gayuchos, não levem a mau, eu não ia postar mas não resisti
 (heheheheheh)

http://www.youtube.com/watch?v=0Z60DRX0_8M

Alfa
 Tubarão / SC

4.2.8 Correção ortográfica

Textos de mensagens com erros de português são sempre corrigidos e desencadeiam longas trocas de farpas entre membros definidos. Esses subgrupos se mantêm e voltam a se enfrentar em diferentes épocas, num movimento que sugere um processo de permanente disputa. As mensagens oriundas da correção ortográfica também, como já era de esperar em função do já exposto neste texto, aparecem revestidas de ironia.

É interessante observar o paradoxo circunscrito: a) a grafia incorreta de uma palavra gera várias interações, mas b) a linguagem costumeira da salas de bate-papo ou do MSN é aceita, e não encontramos no comportamento do grupo referência de desacordo a sua utilização.

Alguns exemplos de “correções ortográficas”:

Beta, te phodeu! Uhauhauhauhauhauhauhauhauhauhauhauh

Gama, beleza essa ilha da magia! Boa motokada.

Alfa, achando tudo isso tão meigo...

4.2.9 Da relação de pertencimento

Um dos participantes que abandona a lista explica os motivos em mensagem:

Omega:

Grande Alfa, a minha saída foi só para parar de ler abobrinhas e ver se eles se tocam. Mas os amigos continuam os mesmos e vamos motocar juntos até quando Deus quiser. Grande abraço.

Omega:

A lista não me agrada mais, os assuntos raramente mencionam motos, o preconceito e a falta de respeito são constantes. Então antes que me estresse saí da mesma maneira que entrei tranquilo, mas felizmente com uma legião de amigos. Só sei dizer que não combina mais comigo. Sublinhado por mim

O motivo inicial da participação deste membro no grupo – a moto – raramente tem sido palco das discussões, segundo ele. Essa manifestação nos exhibe outros pontos da cultura grupal :

- o assunto menos falado é moto;
- nas relações há preconceito;
- há falta de respeito;
- os temas falados são “abobrinhas” e/ou bobagens.

O que lhe dava pertencimento a esse grupo – o debate sobre motocicletas – não mais existe. O conteúdo que ocupa esse lugar não mais lhe serve. Não há como esse membro sentir-se incluído, pois seus valores pessoais estão em discordância com os valores do grupo.

E o que mantém os outros membros nessa comunidade? E como o grupo lida com esta saída? A mensagem resulta em intenso debate, instigado por alguns membros do grupo. Algumas delas:

--- Em shadow600@yahoogrupos.com.br, "Alfa" <alfa@> escreveu

Salve, nobres...

Exercício de nível intelectual (sim, sei, pena que nem todos vão conseguir acompanhar...).

Há um tempo atrás o X criou uma nova lista. Só para quem tinha interesse nos aspectos técnicos da Shadow. Não deu certo, mas...

Ontem (ou ontem-ontem) ômega, um ícone de simpatia e hospitalidade aqui da lista, caiu fora. Que tal repensarmos nosso jeito de agir dentro da lista? Coletivamente?

Nos últimos tempos (mea-culpa) transbordam abobrinhas em quase 90% das mensagens. Beta já expressou isso. vários outros. E tudo segue do mesmo jeito.

A yerda é o lance de brincadeira. É bom. De piada. Idem. E tudo isso é aceito, mas tem transbordado em buzilhões essa situação, quase que se adonando. Rola discriminação, preconceito, agressão, etc.

Obviamente a lista não serve mais para seus princípios originais. Só acho que seria interessante debatermos se retornamos a eles ou seguimos usando-a como válvula de escape para nossas tensões diárias.

Yah, yah...

Eu sei que já fiz isso.
E que sou culpado.

Mas isso também é um movimento coletivo. Não é só meu. Então talvez a gente possa pensar no que tem feito. E lidar com isso.

Abrazon

Outra mensagem:

----- Original Message -----

> > From: sigma

> > To: shadow600@yahoogrupos.com.br

> > Sent: Friday, June 22, 2007 12:16 PM

> > Subject: [shadow600] Re: É tempo de repensar a lista Shadow600?

> > dexa como ta a lista sempre foi assim, e sempre vai ser porisso ke ta durando tanto varias listas "mais serias" nao duraran tanto uma hora ômega volta, con saudades
sigma

Ou esta:

From: sigma
 > > To: shadow600@yahoogrupos.com.br
 > > Sent: Friday, June 22, 2007
 > > Subject: [shadow600] Re: É tempo de louvara lista Shadow600?

sei la, sei la

nun axo ke sou dono da verdadi

mais ja tomei umas na vida ke andei repensandu muitxo sobre ela, e se hoje rearamente possu perder tempu cun eista lista e ter uma xedou de prastiko, axo ke sou mermo privilegiadu e nun tenhu vergonha de reconhecer ke hoje en dia os grandes amigus ke tenhu encontrei puraki de repente arguein pode imaginar: mais ke vida de merda intao teve essi cabra

so ke ieu sou iguar macdonalds: amo muitxo tudu issu, de verdadi e tenhu quasi celteza ke omegaainda vorta un dia sei la

Esta última recebe apoio dos demais participantes, inclusive de alguns que não haviam se manifestado anteriormente e que não mais o fizeram. E a resposta que **Sigma** oferece:

purissu ke eista lista eh boa da porra: axo ke ela me asseita ...

A saída do membro não altera a mentalidade do grupo, servindo para manifestações das expectativas dos participantes em relação ao próprio grupo, esclarecendo a todos os motivos da filiação e retomando os princípios de pertencimento – não a moto, mas as relações interpessoais que se estabelecem.

Os participantes questionam-se sobre seus motivos de participação, num movimento onde distinguimos a cultura do grupo em destaque.

Nessa troca de mensagens, **Sigma** assume a figura de liderança. Ele próprio expressa estar ali por opção, reconhece ser privilegiado, que tem amigos na lista e traz a solução messiânica: “Um dia, ele (que saiu da lista) voltará”.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Nossas hipóteses

A leitura das mensagens remete-nos inicialmente à uma mesa de bar onde amigos, no final de um dia exaustivo de trabalho, curtem seu *happy-hour*. Mas a mesa não é de bar, é cibernética; as conversas não ocorrem em um único momento e o encontro dá-se entre amigos virtuais.

Percebe-se no grupo uma constante agressividade, estimulada (ou tolerada?) pelo não-presencial. Os participantes usam a lista como uma válvula de escape: um local onde é permitido extravasar sentimentos. Onde usar da agressividade, da ironia e dos xingamentos é aceito e acatado, na maioria dos casos, como brincadeira. Estariam os participantes usando da virtualidade como uma zona livre, onde é possível agir com maior permissividade? A hostilidade estaria a serviço do controle?

Se nos reportarmos ao perfil dos participantes – pessoas bem sucedidas, com boa situação financeira, com interesse comum numa moto potente – e conjugamos com as mensagens, identificamos uma luta pelo poder, onde a competição se estabelece entre os membros.

A moto potente enquanto tema aglutinador do grupo traz a representatividade do querer, do ser invejado, admirado. O foco de desejo e de disputa fica supostamente deslocado da pessoa para a moto. Vê-se que a necessidade do indivíduo em ser admirado e reconhecido está presente nas relações analisadas.

Há uma propensão em não seguir regras, de usar palavrões, letras maiúsculas e fontes com cores diferentes; ou seja, uma grande necessidade de diferenciar-se. A serviço do quê estaria a necessidade de chamar a atenção?

Nossa hipótese é de que este estilo de diferenciação é uma das batalhas para definir quem está com o poder, ou ainda, quem é o líder.

O que dizer do número de participantes efetivos e de expectadores? Por que muitos inscritos (95% da lista) só acompanham e não participam? E por que os membros ativos – do dito grupo de dominância – não excluem esses *voyeurs*, criando uma nova lista? Voltamos à necessidade do grupo dominante em ser admirado e invejado, reforçando a competição e as questões de poder.

Quando um membro saiu, o grupo referendou todas as suas próprias características (do grupo), reforçando que ainda existia como tal, por ser como é, ou seja, pela sua mentalidade grupal. Assim, o deboche, a ironia e a crítica estão a serviço dessa mentalidade, num pressuposto atávico de sobrevivência. Mudar esse comportamento levaria o grupo – em sua concepção atual – na direção de um medo de auto-extinção. Assim, está no inconsciente coletivo e grupal a garantia de sua existência enquanto esse padrão de relacionamento persistir.

5.2 Pressuposto de dependência

A manifestação do pressuposto básico de dependência neste grupo se dá quando um membro se coloca disponível e assume a função de suprir uma necessidade do grupo em ser “cuidado”. Na **lista Shadow600**, alguns exemplos (abaixo destacados) ilustram esta idéia.

5.2.1 Debate “Camboriu”

Na organização de um encontro nacional dos membros da lista na cidade de Camboriu, em maio de 2007, as tarefas ficam a cargo de uma pessoa. O grupo não consegue coordenar-se para o planejamento. Há um sentimento de desamparo e expectativa que alguém apresente um “roteiro pronto e estabelecido” de onde ficar, o que fazer, onde realizar as refeições, que passeios realizar na cidade, etc.

Um único membro torna-se o único responsável por encaminhar o assunto. Não por questões de logística – mora em São Paulo, distante da cidade de Camboriu –, mas por que assentou-se nele a função de líder desta tarefa:

Preciso saber exatamente quem realmente vai pra BALNEÁRIO CAMBORIU.

Tenho 65 pessoas na lista do hotel, que disseram que vão, mas só 34 efetivamente confirmaram suas reservas. (+1 casal que está em outro hotel)

Precisamos fechar uma área ou restaurante pra podemos fazer uma confraternização no sábado, e tenho que ter o numero o mais perto do exato possível.

Então??? quem realmente vai?.. só me respondam os que ainda não fecharam as reservas...

Aguardo manifestações até amanhã a noite.. apartir de segunda vou planejar as coisas pelo nr de reservas no hotel... ok?

Abraços.

Ainda sobre esta viagem a Camboriu, **Beta** em 22 de abril de 2007 sugere que o moderador envie mensagens para quem está em modo WEB (lendo as mensagens através de *browser*):

Do topo de sua plenipotência enquanto magistral senhor deste feudo, poderias aproveitar um átimo dos seus muitos disponíveis entre coffee-breaks e pausas afim para, num arroubo de civilidade, buscar, dentro da lista, todos os colegas, companheiros e motoqueiristas em geral que se encontram em estado de MODO WEB, e mandar, nos moldes de comunicação prévia submetida em maio/junho de 2002, para estes, um email singelo com as informações do encontro da lista shadow em camboriú, repetindo este mesmo ato desprendido, para cada encontro que viesse a acontecer.

Contudo, ele mesmo poderia enviar tais mensagens. E mantém o desejo que outra pessoa realize tal ação. Esta é uma postura recorrente, tanto do membro quanto dos demais participantes. Porém, este pressuposto básico – dependência – não ocorre com a frequência de manifestação de luta-e-fuga, o qual nos parece ser o pressuposto mais frequente nesse grupo.

A última mensagem apresentada nos remete a intenso debate: qual o pressuposto em destaque? Questionamos sobre qual líder surgiu para esse participante. O Messias? Um tirano? Vamos observar a linguagem utilizada para tratar com o líder da viagem: *“Do topo de sua plenipotência enquanto magistral senhor deste feudo,...”*. Esse participante, mantendo a ironia, reconhece a autoridade do líder colocando-o em posição topográfica (imaginária) de destaque e dando-lhe a plenipotência sobre o que está por vir. Parece-nos, que a relação entre esse participante e o líder está num pressuposto de luta, diferindo das manifestações dos demais componentes que não adotam o escárnio nem o deboche nesta questão da organização da viagem.

5.2.2 Confecção de camisetas

Realizada uma busca no mecanismo de pesquisa de mensagens da **lista Shadow600**, é possível perceber que o papel de **“prover a lista com camisetas”** está cristalizado em um dos membros. Existem vários subgrupos regionais dentro da lista. Muitos com motocicletas diferentes. A encomenda poderia ser feita diretamente para uma fábrica ou loja ou ainda organizada por regiões, para economia de despesas de correio, etc. Mas, de maneira rígida, a lista depende há anos do

mesmo membro para confecção da camiseta. Artigo de vestuário que é um dos símbolos de identificação do grupo, ilustrada com estampas do logotipo Shadow. Segue uma seqüência de mensagens comprovando esta conclusão:

Em **setembro de 2003** o membro **Alfa**, provedor das camisetas, informa:

Camisas, camisetas, camisolas,
Bichanas, bichinhas e boiolas ...

Está aberta o lujinha do Seo Alfa, vendemos quase tudo desde que seja Patchs e camisetas da lista ...eheheh

Bobagens a parte é o seguinte, consegui um preço bom para as camisetas da lista, igual ao modelo desenvolvido pelo nosso amigo sumido Beta de Brasília. Alíás Beta caso leia esta mensagem mande o arquivo original para a execução da mesma, senão vou ter que desenha-la novamente.

Em **abril de 2004**, **Gama** sugere nova encomenda e direciona sua idéia ao membro **Alfa** e não ao grupo:

Caro senhor AlfaVil.

Lembrando a sugestão do Delta gostaríamos de saber quando será lançada a coleção outono inverno do ShadowsSecrets, com as cuequinhas, calcinhas, camisetas, biquines, sungas, bonés, coletes, botas e onde será o envento de lançamento com o respectivo desfile.

Em **janeiro de 2005**, o membro **Zeta** questiona onde conseguir as camisetas, pedindo inclusive a arte, caso seja necessário fazer por conta própria, e **Omega** o indica para ver com **Alfa**:

From Omega:

Manda um PVT pru seu Alfa.

Fui.....

Omegóide

Zeta <zeta@...> wrote:

Yutada !!!

Alguém pode me informar onde posso comprar mais camisetas da lista !?!? Ou, se isso não for possível, alguém pode me enviar os desenhos para que eu mande fazer as mesmas !?!?!

[]ssss

O Zeta
Vls/SP

Em **janeiro de 2006**, **Alfa** sugere as camisetas comemorando 10.000 mensagens na lista:

Vc vai querer a camiseta que comemora as mais de 100.000 mensagens postadas na lista ? Sairá ao custo de 15 reais cada mais 8 reais de correio normal com peso até 1kg. Responda a enquete que eu entrarei em contato para pegar detalhes de tamanho quantidade e endereço para a entrega.
Abrçs Seo Alfa

Em **maio de 2007**, **Alfa** novamente:

QUEM QUER CAMISETA OFICIAL DA LISTA - MODELOS

de novo

P - M - G - GG - GGG - 4G BABY LOOK - P - M - G

nas cores branca preta e verde manga curta ou longa

Abrçs

Seo Alfa - querendo ver o capeta pegar fogo

Nova solicitação de camisetas:

Wed, 2 May 2007 15:14:33 -0300

Assunto: shadow600]

Prezados amigos, acabei de me associar e gostaria se saber como posso fazer para adquirir uma camiseta com o brasão do grupo????

Resp 1. di novo....PEDE PRO SEU Alfa

Gama

Re: Re:[shadow600]

Oi xxx

seja bem vindo!

As camisetas são nas cores - preta / branca / verde floresta

O valor: 15 reais manga curta e 18 reais manga longa

Envie um email em PVT para

alfa@... com o título -

EU QUERO CAMISETA !
 Coloque tudo que for informação: tamanhos /cores / quantidades /
 endereço para entrega.

E aguarde que ele estará avisando do envio.
 Um abraço, Alfa / TDM

A questão da compra, encomenda e entrega das camisetas mantém-se numa mesma pessoa. Há uma cristalização desse papel de provedor num único membro. É interessante notar o quanto esses papéis de “cuidadores” cristalizaram-se: para comprar *bottons* e *pins* a responsabilidade é com fulano; para prover camisetas, contatar sicrano. O grupo informa os responsáveis para quem faz menção de interesse nesses diferentes itens.o que, para nós, representa o pressuposto de dependência.

5.4 Pressuposto de luta-e-fuga

Chuster (1999, p. 38) descreve este pressuposto básico como:

No grupo de luta e fuga (fight-flight group) é possível observar uma hostilidade voltada para algum objeto interno ou externo que passa a ser mitificado como problema central do grupo. A intenção deste grupo é curar o indivíduo eliminando os que contrariam a política dominante. O inconsciente grupal está dominado por ansiedades paranóides, propiciando que o grupo “Lute” contra possíveis mudanças ou “fuja” após eleger um inimigo externo comum.

Os exemplos a seguir registram alguns debates onde enxergamos as manifestações deste pressuposto no grupo:

5.4.1 Debate “Pen Drive 4 GB – Facção Sul”

Em uma mensagem cujo título era “*Pen Drive 4 GB – Facção Sul*”, o membro **Alfa** em 14 de maio de 2007 avisa que está em São Paulo e encontrou este

EU EU EU
ALFA SE YUDEU
(de novo)

Omicron:

Beta...
Beta... Beta... Beta...
Meu Ídolo!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Bjokas
Omicron - até q enfim alguém disse algo pro Alfamula

Esta última mensagem contempla um rodapé muito interessante. Ocorre a expressão formal de um sentimento da lista expresso nesta linha: “*até que enfim alguém disse algo pro AlfaMula*”. Mostra que existia uma animosidade latente contra este membro, **Alfa**. Mas o grupo não a expressa e parece depender de alguém para realizar tal ação. Quando **Beta** luta (verbalmente) contra **Alfa** e as representações que este traz em seu comportamento, reverberam apoios à atitude do mesmo.

A questão não é tanta impedir o comércio de aparelhos pela lista. O que parece emergir uma necessidade de serem guiados por um líder (**Beta**) nas hostilidades e luta contra **Alfa**. Bion cita (1975, p. 56): “O tipo de liderança que é reconhecido como apropriado é a liderança do homem que mobiliza o grupo para atacar alguém, ou, alternativamente, para liderá-lo na fuga”. Isso mostra uma necessidade grupal que vem caracterizar a mentalidade do grupo. Entenda-se aqui mentalidade grupal como “o ente” do grupo que seria a unanimidade em agir de maneira semelhante contra os novos, colocando-os à prova, a manutenção da agressividade, da ironia, do sarcasmo.

Percebe-se um gosto por se diferenciar dos demais, de não seguir regras (e até mesmo de burlá-las, quando necessário), de exercer um poder de chamar a atenção, de possuir uma “platéia”. Para tanto, o grupo faz uso da ironia e da

agressividade. Há um pacto de permissividade para a ironia e agressividade entre os membros. A partir do perfil dos membros, podemos supor que no seu cotidiano, esse é o espaço escolhido para extravasar tais emoções.

Enquanto “grupo de trabalho” – **no plano consciente** - seu objetivo seria a organização de passeios de motos, discussões técnicas sobre questões da motocicleta Honda Shadow 600 e descrição de viagens, **no plano inconsciente** trava-se a batalha descrita no parágrafo anterior na busca de poder, atenção e destaque.

Que tipos de sentimentos coletivos invadem o grupo para desejar esta luta? Estaria o membro **Alfa** afrontando a mentalidade grupal, acordos combinados e inconscientes de comportamento?

É relevante, neste momento, citar o trabalho de Martha Harris e Donald Meltzer no “*Family Patterns and Cultural Educability*” citados em Chuster (1999). Utilizando os conceitos grupais de Bion, o trabalho estratifica os grupos em classes: a) família casal, b) patriarcal, c) matriarcal, d) casa de bonecas, e) gangues e f) invertida. É justamente na classe **família gangues** que encontramos várias características peculiares que se ajustam ao grupo dos 50 que debatem na **lista Shadow600**. Alguns excertos apresentados por Chuster (1999, p. 47, 48) ilustram tal situação:

Uma determinação subjacente para serem “donos da verdade”, para demonstrar superioridade sobre os demais e, com isto justificar sua rebelião precoce, cria uma espécie de urgência em fazer com que os filhos se conformem às expectativas, sejam elas de “bondade”, “independência” e, sobretudo, “sucesso”.

(...)

... o pensamento é substituído por slogans, clichês, dogmas, catecismo religioso e, freqüentemente valorizam a superficialidade do consumo em itens como roupa, limpeza, sotaque, porte, status dos amigos da família e outras formas de snobismo.

Adiante, na mesma literatura, trechos que evidenciam os vestígios de luta-e-fuga dominantes de nosso grupo: "... é decorrente do suposto básico de luta-fuga dominante. A falta de sentimentos de culpa, a atribuição de responsabilidade aos outros, a evasão do exercício do julgamento ético, cria para o grupo um estado de tensão constante. A exploração ilícita dos recursos da comunidade estimula a capacidade de mentir" (CHUSTER, 1999). Ora, o grupo debatedor se interessa pouco pelos passeios de moto ou dicas técnicas da motocicleta, atentando-se muito mais pelo conflito, pelo debate, pela "**tensão constante**" conforme citado na literatura. Constatamos tal situação ao compararmos o número de mensagens que lidam com "tema motociclistico" e outros que provocam conflitos.

5.4.2. Debate "Herbalife"

Em 29 de março de 2007, **Alfa** descreve sua experiência ao atender um anúncio de emprego e se deparar com o programa de recrutamento da Herbalife. Narra a sua frustração e o sofrimento causado:

Uma vez dois irmãos desempregados, procuravam diariamente emprego no jornal, pelados que nem ratos de igreja, contavam as Moedas pra pegar ônibus pra comparecer nas entrevistas de emprego, e comprar um pastel de lanche.

Certo dia um anuncio no jornal chamou a atenção de um, e outro anuncio chamou a atenção de outro. O anúncio dizia que a vaga trazia muito benefícios, ganho fácil, e não era vendas. Tinha um numero de telefone e nesse telefone atendia uma moça muito simpática quase que dizendo que a vaga já estava garantida.

Os dois irmãos vestiram a melhor roupa, colocaram uns pilas no bolso e lá foram, cada qual para uma entrevista diferente. Chegando lá, era um lugar fino, elegante, com pessoas de terno, etc. As pessoas entravam em uma sala para uma "entrevista" conjunta, e lá dentro viravam espectadores do seguinte.

Primeiro, chegavam pessoas e apresentavam a tal da "empresa" HERBALIFE. diziam que era o melhor negocio do mundo, e que eles ali

presentes eram os sortudos que foram escolhidos para participarem dessa rede de vencedores.

Depois da lavagem cerebral feita, eles diziam que pra vc entrar para esse grupo seletivo, tinha de adquirir, pelo menos 2 kits HERBALIFE que na época se não me engano dava uns 300 e poucos pilas, e ai vc tinha de sair vender aqueles produtos, e procurar outras pessoas pra vender por vc!

No final da reunião tinha ate caixa eletrônico para vc fazer empréstimo.

Ai vcs me perguntam, e o outro desempregado com foi? Não foi, eram duas reuniões em lugares diferentes, mas as mesma encenação. Esses dois desempregados éramos meu irmão e eu!

E EU ACHO UMA SACANAGEM, UMA PILANTRAGEM A FORMA QUE O PESSOAL DA HERBALIFE RECRUTA AS PESSOAS!
 POR ISSO, QUER ME VER IRRITADO DOS CERNOS E ME FALAR DA BOSTA DA HERBALIFE E A TROPA DE PILANTRAS QUE FAZEM ISSO COM AS PESSOAS QUE PROCURAM UMA FORMA DE GANHAR SEU DINHEIRO SEM ENGANAR NINGUEM.

Outros participantes da lista rebatem e se inicia uma quase interminável discussão sobre o assunto, a ponto de meses depois, por vez ou outra, voltarem a falar em Herbalife. **Beta** escreve:

Péra aí um pouquinho, vc quer que os caras, na apresentação de vendas, mostrem os casos de fracasso?

Daqui a pouco vc vai querer que aquelas meninas, ao invés de fazerem chapinha pro cabelo ficar como não é, passarem uns creminhos para a pele ficar mais lisinha do que na real, colocarem uma roupinha transada para esconder os pneuzinhos e um puta decote para mostrar bem os peitões maravilhosos, vc vai querer que elas cheguem na balada do jeitão que acordam 2-a de manhã? FALA SÉRIO AÊ!

Parem com esse papinho de "vítimas". Os caras oferecem uma oportunidade. Topa quem quer (e pra levar vantagem! Ninguém compra os produtinhos para "ajudar" seu herbalife!).

Eles tentam manipular a negadinha? Sim. Mas só embarca quem acha que pode se dar bem.

Vamos estudar mais e educar os filhos. Gente inteligente não cai em conto do vigário.

Muito tempo depois de gerado o debate sobre Herbalife, este ainda é um "ser externo hostilizado" por parte do grupo e continua sendo uma das questões centrais.

Suscitou uma polêmica tão extensa que **Gama**, ironicamente, resume a inclusão da Herbalife em vários momentos do grupo:

Depois de ler muita coisa importante na lista, seguem algumas:

Teta: parabéns pelo novo HEBALIFE, muitas alegrias e quando será o batismo ?

Delta: parabéns por um sonho realizado, que muitos HERBALIFES sejam conseguidos a bordo dela
_ Encontro em Camboriú, infelizmente não irei, apesar de saber que haverá desconto para a lista na compra do kit da HERBALIFE

Sigma: parabéns pelo casório, já fez a lista de casamento na HERBALIFE?

Omega: ótima ideia de criar MAIS um grupo : HERBALIFE@...

Psi: percebo que sua moral é igual as promessas do HERBALIFE

Omicron: fico feliz por vc ter com TORNADO as coisas, e valeu cada capsula de HERBALIFE que vc tomou para sua recuperação

Há o estabelecimento de uma luta interna, onde dois blocos buscam o controle através do convencimento da outra parte, como se houvesse um “dono da verdade”. Não há uma tentativa de conciliação, com o entendimento de que existe uma única Herbalife e que pode ser proveitosa para uns e danosa para outros – ou boa em uma determinada situação e ruim em outra. Mais uma vez sobressai-se a ironia como traço marcante do grupo. Em quase todos os diálogos ela se faz presente, gerando, por vezes, desqualificação de outro membro através de expressões como “pessoas que não têm visão crítica” e “papinho de vítima”. Quando um membro se assume “Distribuidor da Herbalife” as alianças se fortalecem e os blocos distintos ficam ainda mais claros e concretos.

Qual é o verdadeiro inimigo - mascarado pela Herbalife - que está sendo atacado pelo grupo? Seriam as diferentes situações financeiras dos participantes? As colocações de cada um no mercado de trabalho? Ou o debate Herbalife enseja

uma luta pelo poder, pela atenção, uma guerra pela modificação nos papéis presentes no grupo?

5.5 Pressuposto de acasalamento

Bléandonu (1993) cita que este pressuposto refere-se ao objetivo para o qual o grupo se reuniu. Em dado momento, uma atmosfera de esperança irracional contrasta com o aborrecimento e a frustração habituais. O grupo pensa que uma pessoa ou uma idéia virá salvá-lo, fará desaparecer todas as dificuldades atuais.

Bion (1975, p. 139) cita:

Para que os sentimentos de esperança sejam sustentados, é essencial que o 'líder' do grupo, diferentemente dos líderes do grupo de dependência e do grupo de luta-fuga, seja futuro. Será uma pessoa ou uma idéia que salvará o grupo – na realidade, dos sentimentos de ódio, destrutividade ou desespero de seu próprio grupo ou de outro – mas a fim de realizar isso, evidentemente, a esperança messiânica nunca deve ser alcançada. Apenas enquanto permanece sendo uma esperança, é que a esperança persiste.

5.5.1 Debate “Moderador”

Em várias mensagens trocadas na lista tais sentimentos podem ser percebidos. Em 12 de maio de 2007, **Alfa** escreve que “*Esta é uma lista de e para motociclistas. Aceita-se quem anda de shadow. Outros assuntos não são bem vindos. Cadê os moderadores? Heim*”. Ciente de que não existe moderação no grupo, ainda assim apresenta um desejo. Mais esclarecedora é a mensagem de **Beta** em 17 de maio de 2007, ao ser provocado por **Gama**:

Nós estamos delegando os poderes a um líder, para que ele arrume acomodações em hotel para a gente, que crie um grupo no Google para melhor comunicarmos, que assuma em público o que estava enrustido em todos nós, porém ele ainda não existe, e é por isso que queremos alguém que tire a responsabilidade das discussões da lista dos nossos ombros... E mesmo com esse trabalho ele seria odiado e amado por muitos...

5.5.2 Debate “Yahosta”

Em um problema de remessa de mensagens acontecido em fevereiro de 2007 (identificado por uma pesquisa no mecanismo de busca de mensagens da lista) o grupo se depara com mensagens enviadas para a lista e não redistribuídas (por problemas operacionais do provedor). Ou que foram enviadas em desordem cronológica. Vários membros reclamam enviando mensagens como “*Yahosta dos infernos*”, “*YAHOSTA DU K-RA IO*” e outras similares. O problema persiste durante alguns dias e o grupo aguarda alguma solução vinda do nada. Não há movimento para contatar o provedor, buscar outro mecanismo como alternativa ou qualquer atitude que pudesse resolver ou amenizar a situação. Deparam-se novamente diante de uma esperança de que algo aconteça e resolva a situação. Alguém sugere mudar de provedor (sair do Yahoo e ir para o mecanismo de listas do Google) e recebe uma resposta nada incentivadora por parte de um dos membros.

RE: [shadow600] Yahoosta dus infernussss

Vai prá lá então....hauhauhauhauhau

beta

From: shadow600@... [mailto:shadow600@...] On Behalf Of Alfa
Sent: Tuesday, March 27, 2007 3:55 PM
To: shadow600@...
Subject: Re: [shadow600] Yahoosta dus infernussss

A lista do google funciona bem para caray

Alfa

----- Original Message -----

From: Beta
To: shadow600@yahoogrupos.com.br
Sent: Tuesday, March 27, 2007 11:09 AM
Subject: [shadow600] Yahoosta dus infernussss

Não adianta xingar mesmo.. isso não vai melhorar nunca..

beta

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante um registro pessoal dos autores deste trabalho. Nosso grupo reuniu-se através de escolha por afinidade e atração. Não havíamos ainda trabalhado juntos durante os diversos subgrupos que emergem na formação SBDG. Podemos afirmar que já nos conhecíamos, em função dos encontros proporcionados na própria formação da SBDG. Nossas vidas, até então, eram muito diferentes e ainda o são. Mas somos ligados por um mesmo encantamento: entender e compreender os processos de grupos humanos. Estávamos cientes das nossas características individuais que envolviam, entre outras, a necessidade de controle e o gosto pelo poder.

Neste trabalho reunimos múltiplas visões. A de um empresário. A de uma executiva de multinacional. A de uma coordenadora de ensino do setor educacional. A cibercultura já fazia parte de nossa vida, mas nossas vivências com grupos virtuais eram completamente díspares.

O grupo foco deste estudo possui como elo a motocicleta Honda Shadow 600. Na época da criação da referida lista de discussão, a motocicleta mais potente do país. Potência segundo o dicionário Houaiss significa “característica do que é potente, poderoso, forte, poder, força”. Poder. Poder, para nós três, tem uma atração muito especial. Junto ao poder, a necessidade de controle.

O grupo que debate dentro da **lista Shadow600** encontra um contexto onde a agressividade é socialmente aceita. E até mesmo estimulada. Não é à toa que o principal pressuposto básico seja de luta-e-fuga. A competição, o combate, o conflito e o jogo de forças é um ente permanente na troca de mensagens.

Está no inconsciente coletivo do grupo que abdicar destes valores significaria, de algum modo, o fim do grupo, a extinção do grupo. A manutenção da chacota, da ironia e das lutas está a serviço da própria existência desta comunidade.

Nosso aprendizado neste estudo foi constatar a flexibilização da visão sobre grupos em uma área de pouco domínio – o virtual. Saímos da zona de conforto do “já conhecido”, abrimos mão do controle e transitamos nesta nova esfera de relacionamentos, onde inexistem a topologia de distribuição física e outras considerações perceptíveis nos grupos reunidos em local fechado ou aberto.

Percebemos que as manifestações grupais – como a mentalidade de grupos, o pressuposto de luta-e-fuga – se mantêm em ambientes virtuais, ainda que sem a característica do *face-to-face*. Um mesmo conjunto de mensagens gera diferentes focos na interpretação: podemos perceber o líder que emerge e o pressuposto que vive o grupo naquele momento. Arriscar um reconhecimento destas características foi um grande desafio para nós, autores. Os mesmos movimentos que víamos no grupo analisado também percebíamos em nosso subgrupo durante construção deste trabalho de conclusão. Foi portanto, uma febril troca com o grupo virtual, com o subgrupo e com nosso grupo interno.

Arriscar-nos em caminhos tão novos foi desafiador. Não sabemos se é bom ou ruim essa caminhada e estamos no exercício do não-julgar. Surgem novas formas de interação, antes mesmo que as antigas tenham sido completamente estudadas. O homem é um “bicho” gregário, que forma família, forma grupos. As interações desses grupos, olho-no-olho, ainda não estão bem estudadas, aprofundadas. Mas a humanidade já caminha para interações onde não há mais o habitual *face-a-face*. Onde a forma de comunicação se resume ao que está escrito,

atemporariamente, por muitos indivíduos. Como lidar com essas multiplicidades relacionais? Inúmeras interações estão ocorrendo. Novas formas estão se estabelecendo, se conectando. Outras redes se formam, noutros espaços, com outros códigos. Surgem outras formas de grupos, gerando um vasto campo virgem, pronto para investigações.

É desafiador, pois são poucos os estudos disponíveis para grupos na cibercultura. Acreditamos que oferecemos uma pequena e humilde colaboração para uma melhor compreensão dos movimentos grupais em um ambiente virtual. Em especial, através da visão do psicanalista Bion, a qual conseguimos fazer coincidir os seus ditames teóricos com os processos do grupo estudado.

REFERÊNCIAS

- BION, Wilfred R. **Experiências com grupos**. São Paulo: Imago Ed., 1975.
- BLEÁNDONU, Gérard. **Wilfred R. Bion: a vida e a obra**. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1993.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- CHUSTER, Arnaldo et al. **Novas leituras: dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos, vol. I : parte teórica / W. R. Bion**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- ERIKSON, Thomas. Social Interaction on the Net: Virtual Community as Participatory Genre – in **Participatory Genre**. Internet, 1997 – disponível em http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/VC_as_Genre.html. Acesso em 18 jun. 2007.
- GIBSON, William. **Neuromancer**. New York: Ace Book, 2000.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HAMMAN, Robin. Introduction to Virtual Communities Research and Cybersociology Magazine Issue Two – in **Cybersociology Issue Two – Introduction**. Internet, 1997 – disponível em http://www.cybersociology.com/files/2_1_hamman.html. Acesso em 08 jun. 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal - 2005**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.
- KIM, Joon H. Cibernética, ciborgues e ciberespaço: notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural – in: **Horizontes Antropológicos**, Internet, 2004 – disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 jun. 2007.
- LEMO, André L. M. As Estruturas antropológicas no ciberespaço - in **INSTITUTO DO FUTURO - Intuir, Projetar, Agir**. Internet, 2006 - disponível em <http://www.futuro.eng.br/CIBER.html>. Acesso em 10 jun. 2007.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LEWIN, Kurt. **Princípios de psicologia topológica**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- MIRANDA, Orlando (Org.). **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: EDUSP, 1995.

PALACIOS, Marcos. Cotidiano e Sociabilidade no Ciberespaço: apontamentos para uma discussão, in: NETO, Antonio Fausto e PINTO, Milton José. **O Indivíduo e as Mídias**, R.J., Ed. Diadorim, 1996.

PRIMO, Alex F. T. A Emergência das Comunidades Virtuais. In: CONGRESSO DA INTERCON, 10., 1997, Santos. **Anais...** Santos: Intercom, 1997.

RHEINGOLD, Howard. Entrevistas: Howard Rheingold, um dos “Papas” das Comunidades Virtuais – in **Entrevistas**, Internet, 2005 – disponível em http://wnews.uol.com.br/site/noticias/materia_especial.php?id_secao=17&id_conteudo=19. Acesso em 20 jun. 2007.

ROCHA, Meira da. O mito do “virtual” e da “virtualidade” – in **Meira da Rocha Jornalismo Online, Planejamento Gráfico, Mídias Digitais**, Internet, 2007 – disponível em <http://www.meiradarocha.jor.br/news/2007/06/14/o-mito-do-virtual-e-da-virtualidade/>. Acesso em 20 jun. 2007.

ZIMERMANN, David E. **BION – da teoria à prática – uma leitura didática**. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2004.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970.

APÊNDICE A - IMAGEM DA TELA INICIAL DA LISTA

shadow600 · Lista dos apaixonados pela moto Honda VT 600 C Shadow

Início

- Mensagens
- Enviar
- Arquivos
- Fotos
- Links
- Banco de dados
- Enquetes
- Associados
- Agenda

Promover

Informações Opções

Informações sobre o grupo

Associados: 928
 Categoria: Marcas e Modelos
 Criado em: Jul 3, 2000
 Idioma: Português

Dicas

Você sabia...
 Você pode promover seu grupo a partir do seu próprio web site.

Início

Atividade nos últimos 7 dias: **8** novos associados - **688** novas mensagens - **1** nova foto

Descrição

Seja bem-vindo(a) e participe enviando suas opiniões, dicas de manutenção, histórias de viagens, fatos engraçados, romances, fotos, etc..., conseguidos "à bordo" de uma Honda VT 600 Shadow, ou não.
 Formamos um "Motogrupo", não de regra mas de fato. Entre e se utilize desta ferramenta para fazer amigos.



Novas mensagens (Ver todas)
(Agrupar por tópico)

Buscar: [Avançado](#) [Adicionar tópico](#)

Re: NIVER - FEFIK'S

orrra feviks parabains mana muchas felisidads saudis istradas dindin etc etc etc tonha1
 Cambaxo...

tonhao mesmu
 tonhao_xedou
 Offline

Concluído